

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

NATHALIE PALOMARES POSSO

O PATRIOTA:

UMA DISCUSSÃO HISTÓRICA E CINEMATOGRAFICA NAS PÁGINAS DO IMDB

UBERLÂNDIA

2014

Nathalie Palomares Posso

O PATRIOTA:

UMA DISCUSSÃO HISTÓRICA E CINEMATOGRAFICA NAS PÁGINAS DO IMDB

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Marta Emisia Jacinto Barbosa (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Prof.^a Diego Marcos Silva Leão

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Professora Doutora Ana Paula Spini pela orientação nos primeiros passos desse trabalho.

À Professora Doutora Aléxia Pádua Franco pelo companheirismo nas reflexões em torno da relação entre História e Educação.

À Professora Doutora Marta Emísia Jacinto Barbosa pela orientação, conselhos, palavras de ânimo e paciência frente aos meus momentos de ansiedade.

E um agradecimento especial aos meus pais, Aparecida Conceição Palomares Padial Posso e José Antônio Padial Posso, por terem me educado sempre me incentivando a perseguir o conhecimento, me apoiando e guiando em todas as decisões que tomei. Não importa para onde eu vá, vocês sempre serão o lugar para onde vou voltar.

RESUMO

Esta monografia é um desdobramento de um trabalho realizado na disciplina “História da América II” do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, onde pesquisei o filme *O Patriota* relacionando-o aos autores que discutiam o nacionalismo americano no período da Independência dos Estados Unidos da América. Para esse trabalho, procurei autores que falavam sobre a relação entre História e Cinema e cheguei à obra de Marc Ferro “Cinema e História”, onde o autor faz uma apologia ao uso do documento fílmico na investigação histórica e propõe uma metodologia para isso. Nela, Ferro diz da importância em se analisar o universo em que um filme é produzido e o público que o assiste. Dentro dessa preocupação em estudar os espectadores de *O Patriota*, cheguei ao site IMDb (Internet Movie Database) onde encontrei 1128 críticas escritas por internautas de todo o mundo sobre o filme. Naquele trabalho, o objetivo principal não era analisar esses comentários, assim, nessa monografia, o foco principal é questionar como um filme com uma história fictícia, mas com um contexto histórico, é entendido pelos espectadores. Para isso, iniciamos falando da abertura documental proposta por Jacques Le Goff que tornou o cinema um monumento para o historiador, e discutimos a obra de Marc Ferro e outros autores que falam do Cinema como documento histórico. *O Patriota* é dirigido por um alemão que é conhecido por ser especialista em ficções científicas, então falamos do espaço desse filme histórico dentro da filmografia do diretor. Fizemos o exercício de procurar relatar o roteiro do filme analisando os caminhos que ele percorre para demonstrar sua ideologia predominante: a de que os americanos lutaram por sua independência sozinhos e de maneira gloriosa, contra um exército inglês cruel e sanguinário. Lemos as críticas do IMDb, a princípio, procurando sinais de nacionalismo americano, tendo em vista que o filme teria tocado as pessoas com esse discurso. Entretanto, encontramos um verdadeiro debate histórico e cinematográfico entre pessoas do mundo todo, mas especialmente de americanos e ingleses, a respeito dos “erros” e “acertos” cometidos pelo filme. A noção histórica desses espectadores é, então, problematizada aqui, e mostramos, através desses comentários, como um filme considerado sem valor estético, desperta uma discussão tão rica em termos de análise, num espaço novo: o virtual, e a importância de, como historiadores, olharmos cada vez mais para esses espaços.

Palavras-chave: *O Patriota*, História, Cinema, internet.

ABSTRACT

This monograph is a deployment of work done on a class called “History of America II” in the course of History of Universidade Federal de Uberlândia, where I researched the movie *The Patriot* relating it with the authors that discuss the American nationalism round the time of the Independence of United States. To this work, I looked for authors that talk about the relation between History and Cinema and found the work of Marc Ferro, “Cinema e História”, where the author do an apology of the use of the Cinema as a document in the historian investigation and proposes an methodology for that. In this book, Ferro says of the importance of analyze the whole universe that a movie are made in and the public that watches it. Because of this concern of studying the audience of *The Patriot* I found the website IMDb (Internet Movie Database), where 1128 critics of the movie were posted by people of the whole world about the movie. To that work, the main objective was not to analyze this comment, so in this monograph, the main goal is to question how a movie with a fiction story but with a History background, has been understood by people. To do this, we initiate talking about the documental opening talked about Jacques Le Goff, which allowed the Cinema to become a document in the historian investigation, and we discuss the work of Marc Ferro and others authors that talk about the relation between Cinema and History. *The Patriot* is directed by a German who is known for been an specialist in scientific fiction, so we talk about the space that this movie has in the filmography of the director. We did the exercise of describe the screenplay of the movie reading the things that are not shown, to understand the ideology of the movie: the story of how Americans fought for independence alone in a glorious way, against a cruel enemy of English soldiers. At first, we read those critics looking for nationalism, thinking that the movie might have touched people with his discourse. However, we found a real historic and cinematography debate, between people of the whole world, but specially between Americans and English people about the things that the movie shows “worn” and “right” about the History there. The historic notion of this viewers are, then, questioned by us here, and we show, through this comments, how a movie considered without esthetic value, can make a discussion so rich to analyze, in a new space: the digital space and the importance to, as historians, look each time more to spaces like this.

Keywords: *The Patriot*, History, Cinema, internet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - A ABERTURA DOCUMENTAL E A RELAÇÃO ENTRE CINEMA E HISTÓRIA	Erro! Indicador não definido.5
1.1. O Patriota: noção histórica e ideologia	19
CAPÍTULO II - A RELAÇÃO ENTRE CINEMA, INTERNET E O IMDB.....	29
2.1. As críticas de O Patriota no IMDb: uma discussão histórica e cinematográfica.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
FONTES	61
ANEXO.....	63

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu de uma disciplina intitulada História da América II, ministrada pela Professora Doutora Ana Paula Spini, do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, em que foi proposto a escolha de um documento para ser analisado relacionando com um dos temas tratados na disciplina. Ao ser apresentada essa proposta, me surgiu a ideia de trabalhar com o cinema americano, pois estávamos discutindo autores que trabalhavam com o processo de independência das 13 colônias da Grã-Bretanha e os nacionalismos presentes entre os colonos naquele momento. A opção em trabalhar com um filme americano me ocorreu pois podemos sentir o patriotismo estadunidense consolidado no cinema: não é raro notar a aparição da bandeira dos Estados Unidos nesses filmes e quando se trata de um enredo de batalha, contra outros países (ou outros planetas em alguns casos), tratando-se de um filme de caráter histórico ou não, o exército americano quase sempre é representado como o herói, produzindo mártires e salvando a população de um destino cruel. Tal percepção do cinema americano já se tornou senso comum.

Assim, escolhi trabalhar com o filme *O Patriota*, dirigido por Roland Emmerich. A escolha desse filme ocorreu por se tratar de um documento de grande público, com atores famosos, que foi exibido em todo o mundo. O filme também foi escolhido por tratar do tema nacionalismo, como o próprio título já o diz, e ter como contexto histórico a independência dos Estados Unidos da América. Naquele trabalho meu objetivo era entender como o nacionalismo americano era tratado no filme e fazer um paralelo com os textos que estávamos discutindo em sala de aula.

Comecei o trabalho lendo autores que tratam da relação entre Cinema e História, e um autor é especialmente citado nesses textos: Marc Ferro e sua obra *Cinema e História*. Ferro faz uma apologia ao uso do Cinema como documento histórico e incita que o estudo de uma obra cinematográfica vai muito além da análise do filme em si:

O filme aqui, não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cuja significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza. A análise não incide necessariamente sobre a obra em sua totalidade: ela pode se apoiar sobre extratos, pesquisar “séries”, compro conjuntos. E a crítica também não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente.¹

¹ FERRO, M. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p.32.

Assim, percebi que era necessário pesquisar o que havia em volta do filme, o período em que fora produzido, quem eram os produtores, roteiristas e o histórico do diretor Rolland Emmerich. Outro fator que aparece na obra de Ferro de extrema importância ao analisar o universo de uma obra filmica é o público que o assiste. Um filme é feito para o público e a maneira como ele o recebe pode dizer muito de uma sociedade. Assim, pensando como poderia pesquisar as reações do público ao assistir *O Patriota* encontrei a página de compartilhamento de fichas técnicas de filmes IMDb (Internet Movie Database). As páginas dos filmes nesse site tem um espaço para que internautas deem sua opinião sobre a obra e na página de *O Patriota* encontrei 1128 críticas de espectadores de todos os cantos do mundo.

Para o trabalho na disciplina História da América II, meu principal objetivo não era analisar essas críticas, por isso o fiz de maneira muito superficial. Mas lendo o material que encontrei, comecei a perceber que ali existiam várias questões que poderiam e mereciam serem trabalhadas de maneira mais atenta. Assim, resolvi transformar aquele trabalho nessa monografia, sob a orientação da Professora Doutora Marta Emísia Jacinto Barbosa.

A História não viu no Cinema a potencialidade de documento histórico durante muito tempo. Como a História se baseava na análise de documentos oficiais que passavam por uma rigorosa crítica de autenticidade para que a História fosse considerada científica, o Cinema não cabia nesse processo de seleção. Após a abertura documental proposta pela Escola dos Annales o filme passou a ser cada vez mais investigado por historiadores e hoje é inegável sua força ao pensar a história das mentalidades dos homens de nosso tempo.

Essa presença do cinema em nosso cotidiano é ainda mais forte para a sociedade americana, da qual trataremos aqui. O Cinema nasce na Europa com os irmãos Lumière mas é nos Estados Unidos que ele ganha proporções massivas. Marc Cousin em sua “História do Cinema”² relata que a popularidade do cinema nos Estados Unidos começou com a exibição de lutas de boxe que evoluiu para a encenação de peças de teatro baseadas na literatura. Por ser um entretenimento de acesso barato à maioria da população, ela ganhou proporções que nenhuma outra arte havia conseguido até então.

O Cinema tem uma relação com a realidade e essa é uma questão desde seu invento. Ismail Xavier³ fala sobre essa relação fazendo uma analogia da câmera como sendo o olho e a

² COUSIN, M. **História do Cinema**: dos clássicos mudos ao cinema moderno. São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins, 2013.

³ XAVIER, I. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

tela como uma janela. A câmera em movimento dá para o espectador a sensação de que existe algo além do que está sendo mostrado na janela:

Tal impressão permitiu a muitos estabelecer com maior intensidade a antiga associação proposta em relação à pintura: o retângulo da imagem é visto como uma espécie de janela que abre para um universo que existe em si e por si, embora separado do nosso mundo pela superfície da tela. Esta noção de janela (ou às vezes espelho), aplicada ao retângulo cinematográfico, vai marcar a incidência de princípios tradicionais à cultura ocidental, que definem a relação entre o mundo da representação artística e o mundo dito real.⁴

Para exemplificar essa noção de realidade que o cinema projeta, Mark Cousin relata a reação das pessoas frente à primeira exibição de cinema, o famoso filme *A chegada do trem à estação de La Ciotat*, dos irmãos Lumière:

Em 28 de dezembro de 1895, uma data que muitos historiadores consideram como o nascimento do cinema, eles exibiram um programa curto com seus filmes documentários para um público pagante em uma sala do Boulevard des Capucines, em Paris. (...) A câmera foi colocada perto dos trilhos, de modo que o trem aumentava gradualmente de tamanho conforme se aproximava, até parecer que atravessaria a tela e invadiria a sala. As pessoas se abaixavam, gritavam ou levantavam para sair. Sentiram a emoção, como se estivessem em uma montanha russa.⁵

As pessoas, não acostumadas à novidade da exibição de um filme acharam que o trem destacaria da tela e invadiria a sala de exibição e por isso correram do veículo como se estivessem à beira dos trilhos. Agora, essas reações não aconteceram somente porque aquela era a primeira exibição de cinema registrada. Mesmo nós, acostumados a frequentar o cinema, não sentimos medo, angústia, gritamos ao ver um filme de terror? Ou não choramos ao ver uma história de amor exibida na telona? Mesmo sabendo que se trata de uma história, na maioria das vezes uma ficção, uma representação, nos identificamos com o que estamos vendo. Um filme provoca sentimentos assim como os eventos dentro do que é chamado de realidade.

Se uma ficção já tem essa relação próxima à realidade, o que falar de um filme que tem um contexto histórico? O dito “inspirado em fatos reais”? *O Patriota* é um filme considerado “histórico”, trata de uma guerra que existiu, apesar de ser contada através de personagens fictícios, mas inspirados em personagens reais, que lutaram na guerra de Independência das treze colônias do Reino Unido. Essa relação entre o que é real, o que é histórico e o que é representado no filme é questionada por nós nesse trabalho. Além disso,

⁴ XAVIER, I. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.p. 22.

⁵ COUSIN, M. **História do Cinema**: dos clássicos mudos ao cinema moderno. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2013.p. 23.

procuramos entender, através das críticas que encontramos no IMDb, como o público desse filme entende essas relações.

O *Patriota* é um filme que eleva a pátria americana através desse contexto histórico. O nacionalismo tratado no cinema americano é um tema estudado por Priscila Aquino Silva⁶ que analisa alguns filmes desde a era do cinema mudo até filmes feitos nos anos 40. A autora percebe que os filmes de guerra sempre estão atrelados a essa comoção em torno do nacionalismo americano no cinema. Filmes de guerra são utilizados como um instrumento político de apoio ou repúdio a guerra:

Ele adquiriu (o cinema) assim, aspectos industriais e um alcance enorme na população – o que foi percebido pelos industriais que o financiaram e pelo próprio governo americano. Enfim, o cinema marca o início de uma nova era onde irão imperar os meios de comunicação em massa, onde o maior capital será a informação.⁷

Existe algo que une um povo ao ser colocado como uma nação contra uma outra nação e a indústria fílmica sempre soube explorar isso. *O Patriota* faz parte dessa leva de filmes que tem o propósito de elevar a pátria americana contando histórias em que, ao guerrear, os Estados Unidos obtém a vitória ou participam de grandes atos de heroísmo. Essa lista tem títulos como *Pearl Harbor* (2001), *Fomos Heróis* (2002), *Lágrimas de Sol* (2003), *Falcão Negro em Perigo* (2002), *Códigos de Guerra* (2002), *Soldado Anônimo* (2005), *Santos ou Soldados* (2003). É curioso notar que a maioria desses filmes tem como contexto histórico a participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, onde o triunfo americano é bastante conhecido e quando a hegemonia americana foi concretizada. Como podemos ver, isso foi muitas vezes reafirmado pelo cinema. Esses filmes datam do pós 11 de setembro, quando o mundo via a invasão americana nos países do Médio Oriente e a vulnerabilidade dos marcos estadunidenses era questionada após os ataques ao World Trade Center. Aqui podemos perceber uma clara utilização do cinema para reafirmar seu poderio bélico e estratégico em confrontos armados num momento de instabilidade.

A indústria cinematográfica hollywoodiana mostra, assim, seu poder. Filmes como os que citamos acima têm roteiros parecidos, estratégias de comoção do público similares, finais trágicos para o protagonista e os Estados Unidos aparecendo como uma grande nação que se preocupa com a paz mundial, guerreando para alcançá-la, mesmo soando como algo contraditório. Nos parece que, nessas obras, a indústria e os estúdios tem um poder tão grande

⁶ SILVA, P. A. **Cinema e História: o imaginário norte-americano através de Hollywood.** In: Revista Cantareira. Rio de Janeiro. V. 1, n. 5, ano 2, abr/ago 2004.

⁷ Ibidem. p. 17.

que se sobrepõe à mão do diretor. Em filmes como estes não nos importamos em investigar quem é o diretor do filme pois sabemos o que vamos encontrar.

O Patriota, como já falamos, trata de uma outra Guerra que, apesar de ser menos falada pelo cinema, também é tão gloriosa quanto a Segunda Guerra Mundial para os americanos. A historiografia a respeito da Independência dos Estados Unidos é um tema tratado por Renato Lopes Leite⁸. O autor localiza o debate entre duas correntes: a contextualista, que glorifica os ideais de liberdade e igualdade encontrados na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América e a noção de cidadania a serviço do bem público, que entendem permear a época; a outra corrente é a multiculturalista que critica fortemente o racismo e a permanência da escravidão mesmo após a independência, vendo a contradição entre isso e os ideais de liberdade existentes. Existe também, para o autor, no multiculturalismo, um repúdio ao patriotismo no sentido de reconhecimento da superioridade da nação.

Leite vê que o cinema hollywoodiano não acompanhou a corrente multiculturalista de interpretação da História desse período. O autor cita o filme *O Patriota*:

No filme, os principais argumentos da historiografia contextualista, como a noção renascentista de virtude como coragem, não aparecem. Nenhum pai fundador ou panfletário importante é mencionado. Mas há um apelo extremamente patriótico com a bandeira, numa cena em batalha no final do filme. Ou seja, o patriotismo no sentido de devoção a coisa pública, que aparece na retórica dos pais fundadores, e é um dos argumentos centrais do contextualismo, e é ironizado pelos multiculturalistas, surge num momento que marca o clímax do filme, através da exposição de uma mera imagem: a bandeira dos EUA.⁹

O autor lembra neste trecho a bandeira americana, um símbolo de patriotismo. É senso comum que essa bandeira aparece na quase totalidade de filmes feitos nos Estados Unidos da América, mas em filmes de Guerra ela aparece em momentos de representação de força, de superioridade. *O Patriota* se utiliza de vários momentos simbólicos para retratar essa ideia, e um dos objetivos desse trabalho é identificar esses momentos fazendo um exercício de compreender como eles se enquadram dentro da narrativa histórica.

Por se tratar de um filme de ficção com um contexto histórico e ser bem consistente quanto sua ideologia de elevação da nação que o produziu, *O Patriota* é um filme que gera muita controvérsia. Ao recorrermos ao IMDb procurando entender como o filme fora recebido pelo público logo percebemos que diversas questões permeavam aquelas críticas. A princípio,

⁸ LEITE, R. L. **Cinema e Historiografia**: o atual debate sobre a Independência Norte-Americana. In: XXVI Simpósio Nacional de História. 2007; São Leopoldo. Associação Nacional de História – ANPUH. 2007.

⁹ Ibidem. p. 4.

lemos essas comentários a procura de símbolos patrióticos, entendendo que o filme teria tocado americanos. Encontramos comentários desse tipo mas também encontramos muitos ingleses indignados com a maneira que a História da Inglaterra é tratada no filme. Afinal, *O Patriota* não trata somente da História dos Estados Unidos, mas também de um importante momento de declínio do Império Britânico. Esse momento histórico tão importante para os dois países, que são hegemônicos em nosso tempo, faz parte do conhecimento geral das pessoas, com ou menos detalhes, nós estudamos esse processo na escola de educação básica. Assim, todos temos algo a dizer sobre ele.

O nacionalismo, americano ao defender o filme e elogiar a maneira como sua pátria é representada nele, e o inglês ao procurar retratar sua História, apontando os momentos em que o filme a apresenta de maneira nociva, é um dos aspectos analisados nessas críticas. Entretanto, ao nos aprofundarmos na leitura desses comentários, percebemos que eles falavam mais que sobre o nacionalismo, mas sobre a relação que essas pessoas estabelecem com a História e com o Cinema. Assim, torna-se o principal objetivo deste trabalho procurar entender como os espectadores de *O Patriota* se relacionam com a História, como se utilizam dela para identificarem-se, dentro de sua própria historicidade. Também questionamos como espectadores de filmes ditos históricos entendem a relação com a ficção, o que esperam desses filmes e o que é considerado aceitável.

No primeiro capítulo falamos rapidamente sobre a abertura documental que proporcionou ao Cinema se tornar documento na investigação histórica. Em seguida falamos da relação entre Cinema e História na obra de Marc Ferro, sua proposta metodológica de análise fílmica, da qual procuramos aplicar. Na segunda parte do capítulo falamos do diretor Rolland Emmerich, procurando entender *O Patriota* dentro de sua filmografia, apresentamos a ficha completa do filme e procuramos entender a noção histórica presente em sua composição. A seguir analisamos o filme parte a parte, problematizando a escolha dos personagens, o roteiro, a representação das duas nações envolvidas e os momentos simbólicos que caracterizam a elevação da nação norte-americana. Nessa parte procuramos mostrar os caminhos que o filme percorre, as possibilidades de leitura do mesmo, para que assim possa-se entender quando os críticos do IMDb citam trechos do filme e a maneira como eles interpretam essas cenas.

O segundo capítulo é a parte mais forte deste trabalho pois é aqui que falamos com mais cuidado das críticas que encontramos no IMDb. Começamos falando da relação entre Cinema e Internet e como ela possibilitou a maior interação entre espectadores e produtores,

além de facilitar o acesso a informação sobre Cinema. Além disso, possibilitou esses espaços de opinião, como os existentes no site IMDb. A seguir começamos a citar e comentar as críticas dos espectadores de *O Patriota*. Para essa análise, ao lermos as críticas, procuramos os discursos que se repetiam, argumentos que apareciam várias vezes por autores diferentes, para compreender, de maneira mais consistente, como esses espectadores perceberam o filme. Por causa disso, ao citar as críticas neste texto, procuramos transcrever trechos de duas ou três críticas que falam do mesmo tema, para demonstrar esses discursos repetitivos. Os argumentos desses autores que falaremos aqui, são os que mais apareceram durante nossa leitura e os que mais nos ajudavam a pensar nossos questionamentos.

Até o dia pesquisado, encontramos 1128 críticas no site. Dessas, lemos 120 críticas, escolhidas ao acaso. São críticas de todos os cantos do mundo, mas para este trabalho selecionamos 34 críticas para serem citadas aqui. Demos preferência às críticas vindas do Reino Unido e dos Estados Unidos da América pois são as críticas mais apaixonadas, já que o filme fala principalmente desses dois lugares. Citamos trechos dessas críticas que diziam respeito ao tema trabalhado em cada momento do trabalho, procurando transcrever exatamente como estava no site, na ordem: título, data, autoria (geralmente codinomes), lugar e texto. No corpo do trabalho preferimos colocar as críticas em inglês, como elas estão no site, já que entendemos que uma tradução é uma versão de um texto, compreendemos a importância das palavras como elas estão na versão original, por isso também respeitamos possíveis erros ortográficos. Como se trata, em alguns casos, de trechos grandes, preferimos colocar a tradução das críticas em anexo, por isso elas estão numeradas de 1 a 34 para facilitar a procura da tradução. Abaixo, no rodapé, pode-se encontrar o link de cada uma delas no site do IMDb e a data do último acesso. Ao final do texto, os links dessas críticas também estão listados em “Fontes”.

Por fim, nas considerações finais, lembramos que o as ideias compostas aqui são apontamentos, não conclusões definitivas. Procuramos fazer um exercício de análise desse espaço novo para o historiador, onde pessoas comuns tornam-se autores através da internet. Fizemos isso a partir de um documento fílmico considerado sem valor artístico por se tratar de um filme para grandes massas, que tem seu valor atrelado aos efeitos especiais e as cenas de violência exacerbada. Assim, queremos desde já chamar a atenção para a informação histórica que podemos encontrar nesses novos lugares do conhecimento histórico, lugares que o olhar do historiador ainda não está acostumado a se orientar.

CAPÍTULO I

A ABERTURA DOCUMENTAL E A RELAÇÃO ENTRE CINEMA E HISTÓRIA.

Entre nós, o cinema é algo tão presente que é impossível negar sua contribuição ao analisar a História de nossa sociedade: vamos ao cinema, alugamos um DVD nas locadoras, compramos um disco pirata na feira ou fazemos download de um filme na internet. O mundo fílmico é tão presente em nosso dia-a-dia que nos vestimos como certa personagem, falamos como ela, usamos bordões, desejamos objetos relacionados ao nosso filme favorito, compramos revistas que falam da vida de atores e atrizes, o que alimenta o fenômeno milionário dos paparazzi, que perseguem essas pessoas para satisfazer nossa curiosidade em torno desse mundo. Em alguns casos, nem tão raros assim, essa obsessão chega a níveis extremos, como a confusão entre atores e personagens, vida real e o roteiro do filme. Por isso, sétima arte é um vestígio inegável de nosso tempo e já é objeto constante de investigações acadêmicas.

Entretanto, quando Marc Ferro escreveu *Cinema e História*¹⁰ em 1977, ainda era um campo pouco explorado por historiadores e autor sentiu a necessidade de colocar uma metodologia para a análise fílmica, além de defender o uso da arte na História. A História existe como ciência muito antes da invenção do cinema, possuía métodos rígidos que não incluíam a imagem na tentativa de alcançar a verdade histórica, documentos oficiais eram os únicos considerados “confiáveis” nessa busca. Essa noção histórica de busca pela verdade não incluía o que as pessoas comuns pensavam ou faziam, mas a reconstituição dos atos dos grandes nomes políticos e militares. Essa noção histórica começou a mudar quando alguns historiadores propuseram e começaram a considerar novos tipos de documentos para pensar historicamente, e juntamente com isso surgiram novas questões e novos espaços para o saber histórico.

Um desses historiadores é Jacques Le Goff que fala sobre esse processo em *Documento/Monumento*¹¹. Segundo Le Goff, desde a Antiguidade monumento é a palavra designada para grandes obras arquitetônicas comemorativas ou funerárias, enquanto documento ficou atrelado à ideia de material escrito de cunho legislativo. Com a escola positivista formou-se um consenso de que não existe História sem documento, entretanto, a

¹⁰ FERRO, M. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

¹¹ LE GOFF, J. **Documento/Monumento**. In: História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 535-549.

noção documental continua a mesma até o surgimento da Escola dos Annales em 1929 onde seus fundadores sentiram a necessidade e de ampliar o que entendiam como documento histórico. De acordo com Le Goff, essa revolução documental significou também uma abertura a novos temas, o homem comum passou a interessar aos historiadores, agora não é o documento que leva à investigação, mas os problemas que procuram à documentação buscando respostas:

A revolução documental tende também a promover uma nova unidade de informação: um lugar do fato que conduz ao acontecimento e uma história linear, a uma memória progressiva o dado, que leva à série e uma história descontínua. (...) A memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural.¹²

Le Goff levanta essa necessidade da crítica documental, ao escolher o documento privilegiamos uns ao invés de outros, lemo-los de um jeito específico na tentativa de responder nossas questões. Não existe a neutralidade nesse processo. O documento não é produzido num ambiente isolado, ele é fruto de um contexto, sendo assim não retrata a verdade, mas uma versão dela. Ao escolher o documento que será analisado por nós, tornamo-lo monumento, enfim, o autor conclui que documento é monumento.

Sendo assim, qualquer documento pode tornar-se monumento na investigação histórica. Entretanto, Le Goff ainda afirma que a revolução documental não foi realmente concretizada até os anos 60. Marc Ferro, um dos mais importantes historiadores que enfrentou a relação entre cinema e História, diz em 1977, que o cinema ainda não pertence ao universo do historiador, ele vai ao cinema como um espectador. Para ele, ainda existe uma hierarquia de fontes, da qual a filmica não é privilegiada. A imagem é um desafio para a análise, ela não diz a que veio claramente, é preciso ler as entrelinhas. Para Ferro, o historiador usa fontes que o Estado controla, e este, vendo o poder do cinema sob as massas tenta manipulá-las mas a seu total não consegue, sempre existiram e sempre vão existir cineastas que se posicionam contra o poder central ou defendem as mais diversas ideologias. A partir daí Ferro coloca sua tese de que o cinema, uma fonte mais livre, é uma contra-análise da sociedade:

Não é suficiente constatar que o cinema fascina e inquieta: os poderes públicos e o privado pressentem também que ele pode ter um efeito corrosivo e que, mesmo controlado, um filme testemunha. Noticiário ou ficção, realidade cuja imagem é oferecida pelo cinema parece terrivelmente verdadeira. É fácil perceber que ela não corresponde necessariamente às afirmações dos dirigentes, aos esquemas dos teóricos, à análise das oposições. Em vez de ilustrar esses discursos, acontece ao cinema de acusar a inutilidade deles. (...) O filme tem essa capacidade de desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio. Ele destrói a imagem do duplo eu cada

¹² LE GOFF, J. **Documento/Monumento**. In: História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 542.

instituição, cada indivíduo conseguiu construir diante da sociedade. A câmera revela seu funcionamento real, diz mais sobre cada um do que seria desejável mostrar. Ele desvenda o segredo, apresenta o avesso de uma sociedade, seus lapsos.¹³

Feita esta defesa, Ferro passa a falar sobre o método de análise de filmes como documento histórico. O filme não nos dá só o que o roteiro nos conta, ler um filme não basta (apesar de ser preciso estar atento a ele, a todos os seus detalhes) ele é produzido dentro de um contexto político, social e econômico. Além de quem faz o filme é preciso perceber quem vê o filme, como ele é recebido pelo público, que neste trabalho será o aspecto mais importante. Vale ressaltar que esse público também tem um contexto político, social e econômico, mas por se tratar de pessoas anônimas, comuns, é bem mais difícil analisar esse contexto pois dificilmente o saberemos em detalhes. No capítulo II faremos o esforço de aproveitar as poucas informações que temos a respeito de quem comenta o filme estudado, o lugar de onde falam, a data em que escrevem e o codinome que usam, para compreender de maneira mais complexa nossas questões.

Mesmo em “filmes históricos”, o cinema nos conta mais do tempo presente que da época retratada no filme. Em uma investigação histórica ainda falamos em três tempos: o retratado no roteiro, a produção/lançamento do filme e da investigação do historiador, que também não está livre de seu contexto. Marc Ferro ainda faz essa reflexão a respeito dos filmes que tem temas históricos e levanta a questão de que estes tem o poder de povoar o imaginário das pessoas muito mais que o conhecimento acadêmico, por isso a importância da reflexão a respeito de que História é retratada, e ressalta a importância de analisarmos quem assiste esses filmes.

Com a explosão da mídia digital que estamos vivendo ultimamente, é normal procurarmos conhecimento cada vez mais fora do ambiente escolar e acadêmico, apesar da hierarquia dos livros ainda prevalecer sobre outras fontes de informação. As pessoas buscam, também no cinema, conhecimento. Quando falamos de filmes históricos, mesmo com uma história fictícia, como é o caso de *O Patriota*, as pessoas esperam encontrar ali a encenação de algo que realmente aconteceu. Ismail Xavier coloca que essa relação entre o Cinema e a realidade é baseada no fato de que o Cinema tem sua base na fotografia e existe no imaginário a noção de que não há o que duvidar frente a uma fotografia, “só acredito vendo”.

Em nossa cultura, o processo fotográfico tem grande poder sobre as convicções desse tipo de observador assim embalado pela evidência empírica trazida pela imagem. Mais até que a acuidade da reprodução (eixo de semelhanças), a imagem fotográfica (e cinematográfica) ganha autenticidade porque corresponde a um

¹³ FERRO, M. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 31-32.

registro automático: ela se imprime na emulsão sensível por um processo objetivo sustentado na casualidade fotoquímica. Como resultado do encontro entre o olhar do sistema de lentes (a objetiva da câmera) e o “acontecimento” fica depositada a imagem deste que funciona como um documento. Quando se esquece a função do recorte, prevalecendo a fé na evidência da imagem isolada, temos um sujeito totalmente cativo ao processo de simulação por mais simples que o pareça.¹⁴

Assim, quando um filme cria uma sequência de imagens de um fato histórico, cria-se uma expectativa dupla para que o que está sendo mostrado seja considerado uma informação verídica, confiável, real: a de que o que se vê é real e a de que a História fala só de verdades. Daí a importância de procurarmos aqui problematizar como os espectadores do filme em questão entendem essas relações entre Cinema e História, Cinema e verdade e História e verdade.

Vamos aqui trabalhar com uma fonte fílmica de ficção mas que tem um tema trabalhado pela História tradicional, a Independência americana. Entendemos que qualquer filme é uma representação dotada de sentidos, sendo assim, fizemos o esforço de perceber como os roteiristas e o diretor de *O Patriota* trabalharam os momentos exibidos como ficção e aqueles em que estão sendo mostrados como um retrato da História, uma reconstituição do passado. Ferro identifica alguns tipos de filmes históricos, sendo um deles, o mais comum, o que pretende falar com exatidão de como o filme foi pensado. Vinda da tradição positivista, esses filmes procuram reproduzir o tempo retratado com exatidão e para isso pesquisam exaustivamente roupas, costumes, arquitetura, armamento, e os produtores se orgulham desse detalhamento rígido.

A mais corriqueira, herdada da tradição erudita, consiste em verificar se a reconstituição é precisa, se os soldados de 1914 não usaram capacetes, o que seria um erro, pois eles só passaram a utilizá-los após 1916; se o cenário e as tomadas externas são fiéis à realidade, se os diálogos são autênticos. Em sua maioria, os cineastas ficam atentos a tais precisões eruditas; para garanti-las, eles apelam, de bom grado, a historiadores postíços cujos nomes figuram, extraviados, em algum ponto da ficha técnica do filme.¹⁵

Marc Ferro divide a análise de um filme em três momentos: a crítica de autenticidade, a crítica de identificação e a crítica analítica. A crítica de autenticidade diz respeito mais a imagens não ficcionais, portanto não falaremos dela aqui, já que este é um trabalho sobre uma ficção. Já a crítica de identificação nos diz do processo de identificar a datação, autoria, espaço em que a obra foi produzida, quem são seus personagens, o tom ideológico da obra e interpretar os caminhos que ela percorre. Ferro fala das dificuldades desse percurso, como

¹⁴ XAVIER, I. **Cinema: revelação e engano**. In: NOVAES, A. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁵ FERRO, M. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 182,183.

encontrar as fichas da produção desses filmes em arquivos, já que a investigação histórica do cinema ainda não era uma prática comum, mas precisamos lembrar que *Cinema e História* foi escrito em 1977. Hoje, além de a paixão pela sétima arte ser algo concretizado, a internet deixou tudo muito mais fácil, tanto para cinéfilos quanto para historiadores. É possível encontrarmos qualquer filme online e qualquer informação sobre eles, assim a crítica de identificação se tornou um processo mais fácil, deixando os desafios para a interpretação da obra já que esse é um processo subjetivo.

Portanto, a seguir faremos o esforço de aplicar a crítica de identificação em *O Patriota*, perguntando quem é esse diretor? Que espaço *O Patriota* ocupa em sua obra? Por que ele foi realizado nesse momento? Qual o enredo do filme? Como ele retrata esse momento histórico tão importante para a História dos Estados Unidos da América? Que personagens ele se utiliza para contar essa história? Qual a carga ideológica desse filme? Que artefatos o roteiro utiliza para identificar essa ideologia? Qual a visão histórica desses produtores e desse diretor? Como o filme foi feito baseado nessa visão histórica? Tentamos responder esses questionamentos e outros que surgiram ao assistir o filme atentamente e pesquisar (online) os aspectos técnicos da filmagem. Falaremos sobre a crítica analítica mais adiante neste trabalho.

1.1 *O Patriota*: noção histórica e ideologia.

O Patriota é um filme do ano 2000, dirigido por Rolland Emmerich, responsável por sucessos de bilheteria como *Independence Day* (1996), *O dia depois de amanhã* (2004), *2012* (2009) e outros filmes que tem como característica única o desastre. Emmerich nasceu na Alemanha onde estudou cinema e iniciou sua carreira como diretor e roteirista. Segundo o site IMDb¹⁶ seu filme *Das Arch Noah Prinzip* (*The Noah's Ark Principle* 1984), uma ficção científica, teve destaque no Festival de Berlim e acabou sendo vendido para mais de 20 países. Isso chamou a atenção de Hollywood e em 1992, Emmerich foi convidado pela Columbia Pictures para dirigir *Soldado Universal*, outra ficção científica que tem como protagonista Jean-Claude Van Damme. Emmerich começa assim, sua carreira no cinema americano, sendo hoje considerado o diretor europeu que mais faturou com seus filmes nos Estados Unidos da América.

¹⁶ Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm0000386/bio>. Acesso em: 27 nov. 2013.

Além da constante presença de desastres, naturais ou provocados por guerras, os filmes de Emmerich também tem a presença do Estado americano como se ele fosse um personagem. São as principais cidades americanas que estão sob ataque alienígena, como em *Independence Day*, ou vítima das mudanças climáticas, como em *O dia depois de amanhã*, ou até mesmo a Casa Branca sendo destruída por um ataque terrorista, como em seu último filme, *O Ataque* (2013). Para os que não conseguem chegar ao fim de seus filmes, a constante destruição dos marcos arquitetônicos estadunidenses pode parecer até mesmo o ato de um alemão xenofóbico, entretanto personagens americanos sempre conseguem vencer a adversidade e, na maioria dos filmes, o próprio presidente dos Estados Unidos ou funcionários do governo americano, se tornam os heróis e conseguem salvar o que restou da humanidade.

Outra característica constante em quase todos os filmes de Emmerich é o futurismo, justamente por se tratar, em sua maioria, de ficções científicas. *O Patriota* é um filme do ano 2000, um momento marcado pela preocupação com o futuro: a virada do milênio. O cinema sempre usou desse momento para localizar no tempo seus filmes científicos, sendo o exemplo mais clássico deles *2001: Uma Odisséia no Espaço* (1968), do diretor Stanley Kubrick. Isso povoou a imaginação coletiva a projetar para esse momento o “fim do mundo”, surtos tecnológicos, ataques alienígenas. É justamente nesse momento que esse diretor se propõe a realizar o único filme de sua filmografia que se propõe a olhar para o passado, tendo como contexto histórico uma guerra mítica para os americanos.

Entretanto, para a realização desse filme, Emmerich não abandonou suas principais características. Até os últimos momentos do filme, *O Patriota* tem tudo para ser considerado outro filme de desastre para os americanos, cheio de cenas de cabeças voando, sangue sendo espirrado, homens morrendo, casas queimadas. Os ingleses, claros inimigos, são tratados de uma maneira tão terrível que podem não serem considerados, pelos espectadores, inimigos dos americanos, mas inimigos da humanidade, assim como qualquer alienígena em um filme de ficção científica. Além disso, nesse filme mais claramente que em qualquer outro de sua filmografia, a elevação da nação americana está clara, sabemos quem ganhou a guerra, sabemos os ideais de liberdade da Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, e isso foi explorado no filme.

A presença do personagem “Presidente dos Estados Unidos”, ou um dos líderes do movimento da independência, no caso do período em que *O Patriota* se passa, George Washington, Thomas Jefferson ou Benjamin Franklin, é dispensada. O conflito é deslocado

para o sul, a Carolina do Sul, e o herói é Benjamin Martin, um típico cidadão do período revolucionário descrito por T. H. Breen:

Os patriotas republicanos eram homens brancos que cultivavam a terra, que tinham bens imóveis suficientes para conservar uma opinião política independente, bastante retidão para resistir às delicadas maneiras afeminadas de uma aristocracia europeia.¹⁷

Apesar de Emmerich não falar da vida de nenhum dessas personalidades famosas do movimento de independência americana, seus personagens não são todos fruto da imaginação do roteirista. No blue-ray do filme, em “Extras”, equipe de produção dá entrevistas em “Os verdadeiros patriotas”, falando de personagens reais que inspiraram Benjamin Martin, no caso três patriotas do período: Thomas Sompter, Andrew Pickens e Francis Marion; Tavington foi inspirado por Banastre Talerton e Jean Villanueve foi inspirado por Lafayette, além de Cornwallis, que foi inspirado no próprio conde Cornwallis. Sendo assim, Rolland Emmerich não fala dos famosos heróis reconhecidos pela Revolução americana, mas busca na História heróis e vilões para sua trama. O filme se passa na Carolina do Sul por ser o lugar onde essas figuras moravam no período do conflito. Por se tratar de um filme com um contexto histórico, percebemos uma necessidade em dar uma resposta histórica, no sentido de “verdadeira” ao público. Por isso, não basta fazer de seus personagens heróis e vilões em seus atos, mas procurar na História personalidades com essas características.

Ao assistir as entrevistas especiais presentes no blue-ray do filme podemos perceber que a produção tem uma atenção especial a esses “detalhes históricos”. Foram feitas pesquisas no Instituto Smithsonian¹⁸, um grupo de museus e centros de pesquisa dos Estados Unidos. Em um desses centros estão guardados uniformes armamentos de soldados americanos durante a guerra de independência. Os produtores falam sempre do cuidado em montar cenários, recriar esses uniformes de acordo com o Smithsonian. Em uma das cenas, um dos produtores fala do momento em que esteve junto a um uniforme de um soldado americano que lutou na independência do país, e na gola da camisa podia-se ver uma gota de suor e aquilo o emocionou, de acordo com suas palavras, neste lugar ele percebeu que a “História ganha vida”. Existe uma clara glorificação desses materiais que “presenciaram a História”.

Podemos perceber, através dessas entrevistas, a visão histórica que o filme retrata, ou seja, muito tradicional, que tem como fonte o lugar oficial da História, o museu. Falar em

¹⁷ BREEN, T. H. **Interpretando o nacionalismo no novo mundo**. In: PAMPLONA, M. A. & DOYLE, D. H. **Nacionalismo no Novo Mundo: a formação dos Estados – Nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 92.

¹⁸ Disponível em: <http://www.si.edu/>. Acesso em: 27 nov. 2013.

História ou em histórico, para os produtores do filme, é sinônimo de falar em verdade, por isso um filme que tem um contexto histórico, para ter alguma legitimidade, precisa passar pelo processo de pesquisa para fazer seu figurino, cenário, o modo de falar, o mais parecido quanto à pesquisa indica que assim seria em 1776. De acordo com as palavras de Robert Rodat, o redator do filme, “Os filmes podem ser uma janela para a História para as pessoas”, então existe uma responsabilidade em retratar uma história entendida como correta.

Essas entrevistas também mantem o tom do filme no sentido de glorificar essa conquista, sempre mostrando no filme a maneira como isso foi mostrado, de acordo com a fala do especialista do período do Smithsonian. Falam da dificuldade em se lutar sem um preparo militar, no frio, sem recursos e como a vitória perante essas dificuldades soa ainda maior.

O filme começa em nos apresentando a família Martin, o pai, o viúvo Benjamin, personagem vivido por Mel Gibson e seus sete filhos. Alguns negros também aparecem já no início trabalhando na propriedade de Benjamin Martin, logo sabemos que se tratam de homens livres em pleno sul dos Estados Unidos em 1776. As cenas seguintes nos introduzem uma ideia de família muito próxima, com muito respeito entre o pai e seus filhos, além de uma hierarquia clara do pai ao filho mais novo.

Logo no início, Benjamin Martin recebe uma carta o convocando para discutir a possibilidade da Carolina do Sul participar da guerra de independência, que já estava acontecendo. Como dono de terras ele tinha direito ao voto, mas Martin faz um discurso, bastante moderno até mesmo para nós, contra a violência que a guerra traria para perto de sua família e vota não à ela. A todo momento, Benjamin cita um conflito anterior em que ele teria se excedido ao derrotar o inimigo, entretanto pelos outros, ele é visto como um herói de guerra. Apesar disso, o sim vence e as próximas tomadas de cena mostram o entusiasmo dos moradores da cidade com o anúncio de que eles vão à luta pela independência. O filho mais velho de Martin, Gabriel, vivido por Heath Ledger, inspirado pelos ideais de liberdade, se alista no exército, mesmo contra a vontade do pai.

As primeiras imagens do conflito mostram a derrota iminente para os independentistas, são cenas regadas de músicas dramáticas, muitas pessoas sendo mortas e confirmam a ideia de sofrimento que a guerra traria, segundo Benjamin. Assim, Emmerich coloca a primeira representação do ato de guerrear, como algo não honrado. Gabriel, como sendo neste momento o olho de dentro do conflito, escreve uma carta para o irmão, Thomas,

confirmando as tristezas do campo de batalha, mas nos lembra que tudo valeria a pena quando o país fosse livre.

O tempo se passa e o conflito chega ao quintal da família Martin. Durante a noite, Benjamin é surpreendido pelo filho, Gabriel, ferido em casa. A casa vira então uma grande enfermaria, cuidando de soldados ingleses e americanos. Um grupo de soldados ingleses aparecem para, a primeiro momento agradecer a família por cuidar de ingleses feridos, mas ao perceberem que existem americanos ali, o coronel inglês Tavington, grande antagonista do filme que faz, então sua primeira aparição, ordena que queimem a casa de Benjamin, matem Gabriel e que os negros que ali trabalham se juntem ao exército inglês. É nesse momento que os negros clamam serem livres, mais uma tentativa de heroificar Benjamin Martin, um homem como ele não poderia ter trabalhadores escravos sob seu comando. Na tentativa de impedir que Tavington leve seu irmão mais velho, Thomas é morto por ele. O coronel inglês ainda leva Gabriel para ser morto e exposto como exemplo além dos negros que trabalhavam na propriedade.

Benjamin Martin arma seus filhos homens e em uma tocaia muito bem sucedida aos soldados ingleses, conseguem libertar os presos, inclusive Gabriel, mas Tavington foge. Martin esconde sua família na casa de tia Charlote, personagem de Joelly Richardson, e seu par romântico no filme. Decide, então, se juntar ao exército, junto de Gabriel. Fica muito claro que Martin só vai à guerra porque ela chegou até ele. Ele vai movido pela vontade de cuidar de sua família, além da vontade de se vingar do matador de Thomas, e em nenhum momento faz discursos pelos ideais do movimento de independência. Esse é o papel de Gabriel, ele está lá pelo ideal, ele sim é o patriota, apesar de toda a glorificação em volta do personagem de Mel Gibson.

Por ter a confiança de um dos líderes do movimento, Benjamin tem a liberdade de organizar uma milícia e coloca seu filho sob seu comando. Emmerich mostra como a inteligência e a habilidade de suas táticas de conflito são importantes para que os americanos conquistem as primeiras vitórias mostradas no filme. A partir daí, a guerra já é mostrada de outra maneira pelo diretor, a violência exaltada anteriormente é diminuída, o foco se transfere para a vitória pela estratégia e não pelo massacre. Essa transformação na imagem do ato de guerrear fica clara quando Martin precisa recrutar os demais moradores de sua cidade para sua milícia e seu discurso, que antes dizia que não traria a violência para perto de sua família, agora diz que para a guerra acabar, só mesmo não fugindo da luta para a libertar o país.

Benjamin é apresentado pelo coronel Harry Burwell vivido por Chris Cooper, o líder do movimento do sul americano, para um francês que estaria lá para dar treinamento às tropas. Ele o acompanharia em sua milícia. Ao conhecer o francês, Benjamin pergunta ao coronel se ele é de confiança. Essa foi a maneira encontrada por Emmerich para marcar a participação francesa no conflito, um único soldado, cuja confiança ainda é questionável. Entretanto, sabemos que ela foi muito mais significativa, como nos conta Leandro Karnal:

A entrada da França e da Espanha mudou os rumos da guerra. O conflito havia se deslocado para o Sul. Em 19 de outubro de 1789, as tropas de colonos e seus aliados obtêm a vitória decisiva em Yorktown e na Virgínia.¹⁹

Além da participação de Jean Villanueve, interpretado por Tcheky Karyo, o exército francês aparece em um dos últimos momentos da película, após a grande batalha épica do filme, quando os americanos já estavam por derrotar o inimigo. Dessa forma, podemos entender que não existia espaço para outra pátria ser glorificada ali, o momento é dos americanos que conseguiram sua liberdade por si só.

Outro único personagem representa todo um povo no filme de Emmerich, um soldado negro que diz ser escravo, e ao ler a informação que após 100 dias de luta junto ao exército americano conquistaria sua liberdade, junta-se à milícia de Benjamin. Como falamos acima, o diretor fala de negros libertos trabalhando na casa do herói do filme, mostra uma comunidade de negros que vive à beira-mar, e este único personagem negro que luta na guerra. Portanto, o diretor escolhe não falar sobre a escravidão. Para não deixar o preconceito contra o negro no período passar completamente em branco, Emmerich coloca outro único personagem que se manifesta por não querer lutar ao lado daquele soldado, mas que ao longo das batalhas vão fazendo uma parceria e na última cena já são amigos. É também nesse momento em que o soldado negro, que já é livre, diz estar ali pelos ideais de todos e não somente pela sua liberdade.

O grande inimigo, os ingleses, são conceituados por Emmerich de maneira ora ridícula, ora tenebrosa. Os dois principais personagens que representam o exército inglês são o coronel Tavington, personagem de Jason Isaacs, e o conde Cornwallis, personagem de Tom Wilkinson. Cornwallis, e sua peruca, cheio da pompa real que seu título exige, é o grande chefe militar, nunca entra em contato direto armado com os americanos, está sempre cercado de empregados e esta lá para que, após o fim da guerra, garantir que as relações comerciais

¹⁹ KARNAL, L. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Editora: Contexto, 2007. P. 89.

entre as colônias e a Inglaterra continuem as mesmas, como ele mesmo afirma em um determinado momento do filme.

Isso é mostrado especialmente durante duas cenas; a primeira em que o conde está participando de um baile da corte em que um navio é explodido pela milícia de Martin e uma das participantes acredita se tratar de uma apresentação de fogos de artifício; a outra quando Martin e seu grupo intercepta uma carruagem de encomendas do conde, onde estavam seus cachorros e seus diários, e num momento em que Martin tinha alguns de seus homens feitos prisioneiros de Tavington. Martin vai até o conde para libertá-los em troca de seus cachorros e consegue enganá-lo dizendo que está com alguns de seus coronéis. Por fim, Cornwallis fica sem os cachorros, sem os prisioneiros e com a humilhação de ter sido enganado por Benjamin Martin. Emmerich coloca em questão a inferioridade intelectual dos ingleses, representada pelo conde Cornwallis, além de mostrar as práticas da corte que, para nós, podem parecer exageradas, mas mostram como a guerra estava distante daquelas pessoas privilegiadas mesmo estando no mesmo território onde o conflito estava acontecendo. Emmerich em vários momentos do filme fala, através do conde Cornwallis, que a independência surgir das mãos daqueles homens camponeses, era algo considerado impossível, por isso não dava tanto crédito à luta. Dessa forma, a conquista soa ainda maior e o inimigo é alguém que o telespectador quer ver derrotado.

A crueldade dos ingleses fica por conta do coronel Tavington. Como falamos anteriormente, Emmerich não poupa o público ao mostrar a frieza nas ações do coronel, e a morte de Thomas, filho de Benjamin, é só o começo. Antes da visita de Martin à Cornwallis, este ainda tentava impedir atos de crueldade extrema do coronel, mas após ser enganado o conde o liberou para agir da maneira que precisasse para que pudessem por as mãos em Benjamin. Assim, Tavington vai à casa onde Charlote estava escondida com os filhos do herói, destrói a propriedade mas ela e as crianças conseguem fugir. A família de Benjamin vai se esconder, então, em uma comunidade negra no litoral, mostrando mais uma vez a harmonia na convivência entre negros e brancos daquela família.

Durante a fuga, Benjamin dá uma semana de folga à milícia para que visitem suas famílias, prevendo que a disputa ficaria mais acirrada a partir daquele momento, e nesse período Gabriel se casa com Anne, interpretada por Lisa Brenner. Assim que a milícia volta a se reunir, acontece a cena mais polêmica do filme: um grupo de colonos que eram vizinhos da família Martin, reunidos em uma igreja fazendo suas orações, incluindo Anne e sua família, são interrompidos por Tavington e seus homens procurando informações sobre o esconderijo

de seu rival. Como não conseguem acusa todos dentro da igreja de traição, manda fecharem as portas e as janelas e queima a igreja com todos dentro. Nesse momento um dos soldados de Tavington questiona a honra naquele ato e o coronel prontamente responde: “A honra está no fim e não nos meios.”.

Ver os ingleses como os inimigos é uma noção que se iniciou no período pré-independência, de acordo com T. H. Breen. Para o autor, americanos sentiam-se britânicos assim como os que eram naturais da metrópole. Entretanto, ao perceberem o abuso dos impostos e da mão de obra americana utilizada em guerras foi-se criando uma identidade americana, uma união de povos que vivam distantes em torno de um único objetivo: a independência do inimigo opressor britânico. Breen coloca que esse momento é talvez o único momento da História dos Estados Unidos em que existia um objetivo comum entre as colônias. Como podemos observar no filme, Emmerich soube explorar esse momento, criando um inimigo capaz de provocar sentimentos não somente em americanos, mas todos que assistem ao filme.

Voltando a falar do filme, ao perceber que sua esposa está morta, Gabriel segue o rastro dos ingleses em busca de vingança, seguido pelo resto da milícia de Martin. Alcança Tavington e se inicia uma luta em que Tavington é ferido, mas em uma reviravolta, Gabriel é morto. Emmerich deixa claro que Gabriel só morreu quando não lutou pelos ideais de liberdade, mas por vingança.

No início da guerra, Gabriel encontra uma bandeira do movimento de independência caída no chão, suja e rasgada. Ele a guarda e durante as batalhas da milícia, enquanto as primeiras vitórias do exército das treze colônias vão acontecendo, ele vai costurando a bandeira e reconstruindo-a. Quando Gabriel morre, Benjamin decide deixar a luta e cuidar do restante de sua família, mas encontrando a bandeira no corpo do filho, lembra do motivo que o fez ir à luta, pega ela para si e cavalga com ela hasteada em direção ao exército voltando ao seu posto. É uma cena marcante no filme e cheia de simbolismos. Com a morte de Gabriel, quem sempre nos lembrava dos motivos que queria pertencer a um país livre, Benjamin assume esse papel, agora sim, ele é o patriota.

Dessa forma, o exército se encaminha para a grande batalha épica do fim do filme, o momento final do embate entre Benjamin e Tavington. Aqui, Emmerich reforça os argumentos que caracterizam os dois lados do conflito, a grande vantagem numérica dos ingleses, o desdém do conde Cornwallis, sempre acompanhando tudo com segurança de um local distante da batalha, acreditando que a guerra terminaria ali, já que para ele, os

americanos não passam de camponeses sem preparo militar. O grupo americano é liderado por Benjamin Martin enquanto os ingleses pelo coronel Tavington. Essa é uma grande característica do filme, a questão geral é sempre permeada por questões pessoais.

A batalha começa com vantagem para o lado inglês, mas mais uma vez, a estratégia americana, que atrai os soldados ingleses para um território em que americanos estavam em maior número, faz com que a vitória definitiva dos territórios do sul seja dos americanos. A cena é regada de imagens fortes de soldados baleados, membros amputados, um “realismo” que é apreciado pelos admiradores de filmes épicos. Em um momento de heroísmo, Benjamin Martin, sempre com uma bandeira americana nas mãos, se esforça para manter a vitória americana na luta enquanto a música cresce e em um ponto alto do campo de batalha a bandeira é hasteada por ele, enquanto Cornwallis assiste, perplexo, a derrota dos ingleses. Em seguida acontece a batalha final entre Benjamin Martin e Tavington, e finalmente o personagem de Mel Gibson consegue vingar a morte de seus filhos, matando o cruel coronel inglês.

Emmerich fecha o filme através de uma carta de Benjamin para Charlote, contando que os americanos estão vencendo a guerra, a ajuda francesa finalmente chegou, e pela primeira e única vez cita o nome de George Washington, contando do momento final em que ele cerca o inimigo, Conde Cornwallis, que não tem outra opção a não ser a rendição, além de fazer uma reflexão, agora que um exército de plebeus venceu o poderoso exercito britânico, “Tudo irá mudar, tudo já mudou.”.

Ao deixar o campo de batalha, Benjamin se despede de Coronel Harry Burwell, seu superior, que lhe diz que sua mulher acabou de dar a luz a um menino, e se chamará Gabriel. Emmerich faz assim, uma alusão à nova nação que acabou de nascer e todos os ideais de liberdade que eram a principal característica do personagem de Heath Ledger, sugerindo a esperança no futuro.

Ao voltar para sua família, Benjamin e seus filhos encontram uma nova casa sendo construída no lugar onde a sua fora queimada por Tavington. Mais uma vez vemos negros e brancos trabalhando lado a lado, e o único personagem negro que luta na guerra é quem diz que agora eles estavam construindo um mundo novo, começando pela casa da família Martin. Emmerich, então, vê o desafio da construção de um país novo, mas coloca tudo de maneira harmônica, sem conflitos, nem mesmo o entre brancos e negros que até nos dias de hoje existem nos Estados Unidos da América de maneira significativa.

Emmerich faz um filme com um inimigo claro: os ingleses. Não cabe neste filme outro conflito, especialmente destacando personagens americanos que provocariam a antipatia do público. É um momento mítico na História dos Estados Unidos e Emmerich em *O Patriota* está preocupado em retratá-la de maneira também mítica, elevando aqueles personagens e o conjunto da história ao patamar do inalcançável, parecendo, para nós, caricatural. O crítico de cinema australiano David Edwards analisa essa questão do filme:

Martin Luther King Jr. once famously said "I have a dream..." and proceeded to outline his vision of what America should be. In a sense, Roland Emmerich's *The Patriot* treads a similar path. This fictional story is set around actual events; but is not a history of what America was, or even an image what it has become - it's a dream of what it should be.²⁰

Seguindo a tendência dos filmes de Emmerich, *O Patriota* é um filme que trata os Estados Unidos da América de maneira gloriosa, no momento mais glorioso de sua História. Não podemos deixar de notar que sendo um filme de um alemão, a Columbia Pictures, a produtora responsável por esse e os outros filmes do diretor, tem um papel fundamental nessa ideologia marcante. É um filme de americanos para americanos. Entretanto, como falamos anteriormente, é um filme de alcance internacional, portanto vamos, a seguir, procurar identificar como esse filme foi recebido pelos diferentes públicos, privilegiando os dois povos retratados no filme: americanos e ingleses.

Investigamos nas críticas dos espectadores de *O Patriota* que visão histórica está aparente nesses comentários, como esses espectadores entendem a relação entre História e verdade? Quais as apropriações que fazem da história e da História mostradas no filme? Até agora, procuramos mostrar o universo que faz parte deste filme e ler as entrelinhas de sua história. Como falamos no início deste capítulo, documentos não oficiais não faziam parte do universo do historiador e somente grandes nomes políticos mereciam terem suas histórias contadas. Agora, a história de homens comuns e suas mentalidades são alvo da investigação histórica, assim qualquer documento pode tornar-se monumento nesse processo. O filme é nosso documento/monumento estudado neste capítulo, já no capítulo II, faremos dos comentários encontrados no IMDb nosso documento para a investigação histórica, colocando luz ao que esses homens comuns tem a dizer sobre o filme, sobre si mesmos, sobre sua História.

²⁰ “Martin Luther King Jr. disse uma frase famosa uma vez: “Eu tenho um sonho...” e seguiu a essa introdução dizendo sua visão de o que a América deveria ser. Num sentido, *O Patriota* de Roland Emmerich, segue um caminho similar. Essa história fictícia é envolvida por eventos reais; mas não é a História do que a América era, ou a imagem do que se tornou – é um sonho do que deveria ser.” Disponível em: <http://www.urbancinefile.com.au/home/view.asp?a=3823&Section=Reviews>. Acesso em 05 abr. 2013.

CAPÍTULO II

A RELAÇÃO ENTRE CINEMA, INTERNET E O IMDB.

Desde o início dos anos 1990 a internet tem invadido espaços e hoje é onipresente em nossas vidas. Inúmeros trabalhos vêm surgindo desde então, mostrando que isso tem mudado nossas relações em todas as esferas, o que já é algo inegável: não lemos livros, lemos em telas digitais, escrevemos em computadores e tablets ao invés de usarmos o papel, todo um vocabulário para isso foi criado para isso, conversamos por janelas virtuais, marcamos encontros via web-câmeras, através dos smartphones ficamos conectados 24 horas por dia a redes sociais onde expomos nossos hábitos, atos, vontades, desejos e vigiamos a vida uns dos outros. Esse é um mundo novo, e a História está se voltando para investigar esses novos lugares, que vem com um atrativo muito grande para o historiador que lida com documentos: quase tudo está registrado, podendo-se rastrear perfis, matérias de revistas, entrevistas, vídeos, etc. Também existe a dificuldade de que tudo está em transformação o tempo todo, portanto para nós, que trabalhamos com o tempo, é importante prestarmos atenção no momento em que a pesquisa está sendo feita, tendo a noção de que amanhã tudo pode estar diferente.

Neste trabalho falamos sobre cinema, e ele também tem se influenciado pela presença constante das novas tecnologias em nosso dia a dia. Desde a propaganda, até o acesso aos filmes online, já existem filmes interativos onde o espectador ajuda a contar a história do filme através da internet. A indústria milionária do cinema tem perdido espaço para esse ambiente, anteriormente com a venda ilegal de DVDs pirateados e desde que a velocidade da conexão de internet tem melhorado consideravelmente a baixo custo, é possível fazer download de qualquer filme sem custo nenhum e assisti-los no conforto de nossas casas. Com isso, é cada vez mais comum casas de exibição e locadoras fechando as portas já que, apesar de ilegais, as vantagens dessa prática são inegáveis. É possível encontrar sites e blogs sobre o assunto que disponibilizam qualquer título imaginável, dos mais famosos, sucessos de bilheterias, a filmes da era do cinema mudo, produzidos pelos mais diversos países. Isso possibilita que mais pessoas conheçam filmes que, sem o acesso à internet, provavelmente não conheceríamos, portanto passem amar ainda mais essa arte, revertendo, assim, à indústria a vantagem econômica.

Outra vantagem do mundo virtual, que nos interessa mais como historiadores e aqui será o ponto central deste trabalho, é a possibilidade da criação de comunidades de discussão online sobre filmes. Desde que a História passou a se preocupar com a História do homem

comum, existe a necessidade de entender como as pessoas reagiram perante alguma transformação social, ou algum artigo de revista para os historiadores da imprensa, uma obra literária para os estudiosos da literatura. Agora com a internet isso é possível. Em quase todos os espaços virtuais existe um lugar para a interação entre os espectadores e os autores, alguns com a mediação desses autores, que deve ser investigada pelo historiador, mas existem muitas salas livres, como é o site que vamos estudar, o IMDb, onde podemos sentir a recepção das pessoas em um determinado assunto.

Ao recorrermos aos nomes que já discutiram as relações entre cinema e História no início do trabalho, vimos que ao analisar um filme, não basta o esforço de lê-lo como um texto, é preciso investigar seu impacto no público. Marc Ferro coloca essa questão no processo de análise crítica de uma obra:

A análise de um documento não pode ignorar a fonte emissora, as condições de produção, a função do documento, sua frequência (documento único ou receptivo), sua recepção por eventuais espectadores, etc. Não existe documento politicamente neutro ou objetivo: nem as decisões tomadas pela firma que dá emprego ao *cameraman*, nem as escolhas dele próprio são totalmente inocentes, mesmo quando não são totalmente conscientes. Como um texto, como um discurso, uma filmagem é algo orientado. A diferença, no entanto, é que no filme há elementos não intencionais, não percebidos, não previstos.²¹

Assim como a produção de um filme, o público que o assiste não é neutro àquela obra, um filme desperta sentimentos, paixões. Michèle Lagny escreve sobre isso em *Compreender o Cinema e as Imagens*²². A obra fílmica pode ser produzida por um país específico mas tem um alcance internacional. Além disso, ela produz efeitos que vão muito além do momento de seu lançamento, o que parece assustador ao historiador que necessita de um espaço e um tempo delimitado para o seu trabalho:

Para o historiador, uma das grandes dificuldades é seguir o rastro desta migração de imagens e temas: não só necessita de um bom conhecimento do cinema, como também de uma sensibilidade aos ecos culturais emitidos pelos filmes. (...) Além disso, o filme, ele próprio um produto cultural, tem um espaço de vida e uma duração que superam largamente o local e a data em que foi produzido.²³

Apesar disso, quão fascinante é estudar uma obra artística com um alcance desses? Nos parece que de todas as artes, o cinema é a que consegue, de maneira mais democrática, conquistar territórios, não sendo necessário se tratar de grandes títulos reconhecidos pela crítica especializada. *O Patriota* é constantemente considerado um filme sem valor estético,

²¹ FERRO, M. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. p. 94,95.

²² LAGNY, M. **História e cinema**. IN: GARDIES, R. (Org.) **Compreender o Cinema e as Imagens**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2007. p. 91-114.

²³ Ibidem. p. 94.

produzido por um diretor que valoriza o espetáculo e efeitos especiais. Entretanto, foi amplamente divulgado e visto, protagonizado por um dos atores mais conhecidos de sua geração, Mel Gibson, que por si só já garante um grande público ao filme.

O cinema hollywoodiano, do qual falamos nesse trabalho, tem um alcance internacional maior que qualquer outro cinema. Ele é o tema de estudo de Eduardo Silva Roxo²⁴, que sugere que esse alcance não é fruto do acaso mas uma estratégia norte-americana de dominação global, de propagar a cultura americana e o *american way of life*:

No caso do cinema americano, a diversidade e quantidade de espectadores nacionais, ao longo do século XX, bem como as conjunturas políticas e socioeconômicas que analisamos, promoveram o investimento em cinema diversificado de entretenimento, em especial de teor popular. Tal factor adveio da necessidade de agradar ao maior número possível de indivíduos, dentro e fora do país, tendo-se verificado a expansão do cinema de Hollywood enquanto veículo da imagem dos Estados Unidos e do patriotismo americano.

O Patriota reconstitui o início da História dos Estados Unidos, mostrando uma imagem de um país unido, em harmonia que luta por um objetivo único. Isso é visível especialmente no tratamento que o filme dá à questão dos escravos, não mostrando nenhum tipo de conflito que existia ou que viria por existir. O patriotismo americano propagado pelo cinema de que fala Roxo é visível no filme como um patriotismo ideal, assim como falamos no Capítulo I. Graças ao grande alcance do cinema hollywoodiano, esse patriotismo é algo tão desejável que até mesmo quem não é estadunidense sente-se estadunidense ou quer sê-lo. Assim, torna-se importante investigar se esse patriotismo realmente é despertado pelos espectadores do filme e de que maneira isso acontece ou não acontece. A historicidade de um filme está diretamente ligada a seus espectadores, por isso eles serão os protagonistas deste trabalho.

Questionando-nos em como poderíamos medir a recepção do público à esse filme, tendo em mente o que Marc Ferro e Michèle Lagny escreveram a respeito do alcance ideológico, espacial e atemporal de uma obra, e não sendo possível fazer entrevistas aleatórias com pessoas que viram o filme ao redor do mundo, a resposta veio online: lembramos do site IMDb²⁵ (Internet Movie Database), o mais importante e mais acessado portal sobre cinema do mundo. Lá é possível encontrar fichas técnicas completíssimas sobre qualquer filme já produzido (além da filmografia e biografia de diretores, roteiristas e atores) e abaixo delas

²⁴ ROXO, E. S. **E.U.A. e Hollywood** : o desejo da projecção global. Dissertação de Mestrado em Estudos Americanos apresentada à Universidade Aberta: Lisboa, 2006. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/532>. Acesso em 01 mar. 2014.

²⁵ Disponível em: http://www.imdb.com/?ref_=nv_home. Acesso em: 27 nov. 2013.

existe um espaço para que qualquer pessoa critique o filme. Assim, acessando a página de *O Patriota* no IMDb²⁶ encontramos (até o dia 27 de novembro de 2013, já que todos os dias novas críticas podem ser postadas) 1128 críticas de espectadores do filme dos diversos cantos do mundo.

De acordo com o próprio site, o IMDb foi um projeto lançado como hobby em 1990 por um grupo de pessoas interessadas em cinema que lançaram um pacote de software possibilitando pessoas a pesquisarem fichas de filmes. Em 1995 o projeto já havia crescido de tal maneira que deixou de ser um hobby, em 1993 ele já existia como um site e passou a aceitar publicidade, tornando-se lucrativo. Em 1996, o IMDb vendeu seu primeiro filme publicitário para *Independence Day*, coincidentemente um filme de Roland Emmerich. Hoje, o IMDb é acessado por 100 milhões de usuários mensalmente e é considerado o mais importante site sobre cinema e TV do mundo.

O material que encontramos é riquíssimo em termos de análise. Como mostramos no capítulo anterior, *O Patriota* é um filme que eleva o povo americano em detrimento dos ingleses, mostrando os soldados inimigos como sanguinários, cruéis, afeminados e pouco espertos. Além disso, um filme que, apesar de ser uma ficção, pretende falar sobre um acontecimento tão conhecido, importante, estudado no ensino básico pelo mundo todo, existe a possibilidade de todos terem algo a falar sobre aquela história. As críticas postadas no IMDb se dividiam entre ingleses indignados com o tratamento que o filme deu à sua História; americanos orgulhosos de sua luta de independência; ingleses, americanos e pessoas de todos os cantos do mundo “corrigindo” os erros históricos cometidos no filme.

Com a possibilidade de comentar o filme pela internet, o ato de escrever, significa registrar sua opinião sobre ele, tornar público e oficial que gosto, não gosto, concordo ou não concordo com aquilo que o filme mostra. Ao corrigir os considerados “erros históricos” cometidos pelo filme, as pessoas tornam público seu conhecimento a respeito dessa História, além de mostrar para nós, historiadores, como a História tem povoado o imaginário dos espectadores de filmes épicos.

Para analisar o material do IMDb, primeiramente procuramos identificar o nacionalismo presente nos depoimentos, já que as pessoas saíram em defesa de seus países. Entretanto, fomos percebendo que as críticas iam muito além disso. Fizemos o exercício de procurar os discursos que se repetiam para assim entendermos como o filme foi apreciado de maneira mais consistente. Assim, identificamos não somente o nacionalismo vindo de

²⁶ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/>. Acesso em: 27 nov. 2013.

americanos e ingleses, mas também a relação que essas pessoas estabelecem com a História e com o Cinema.

A seguir faremos o esforço de demonstrar, através de algumas dessas críticas, como um verdadeiro debate histórico foi articulado, e os principais argumentos utilizados.

2.1 As críticas de *O Patriota* no IMDb: uma discussão histórica e cinematográfica.

Um dos personagens do filme foi bastante comentado pelos usuários do IMDb, entretanto não da mesma forma. Estamos falando de Tavington, o general inglês que cometeu verdadeiras atrocidades durante o roteiro de *O Patriota*. De acordo com os próprios produtores do filme, Tavington foi inspirado em Banastre Tarleton, um general inglês de destaque que lutou na guerra de Independência dos Estados Unidos. Dentre as diversas biografias encontradas online, podemos perceber que Tarleton foi uma figura que atingiu prestígio através de sua carreira militar, tendo conseguido cargos políticos na Inglaterra após seu retorno dos Estados Unidos ao fim da guerra. Algumas dessas biografias citam uma fama adquirida por Tarleton durante as batalhas: “The butcher”, traduzindo, “O açougueiro”, devido à crueldade imprimida por esta figura contra seus inimigos. Os produtores do filme, nas entrevistas disponíveis na sessão “Extras” do DVD, levantam essa característica desta figura histórica para explicar e legitimar os atos cometidos por Tavington durante todo o filme.

Muitas das críticas da Grã Bretanha que lemos no IMDb se sentiram ofendidos ao verem Emmerich colocar os ingleses nessa posição. Mostraremos a seguir trechos de algumas dessas críticas, ressaltando, quando disponível, título, autor (codinomes), lugar e data. Procuramos reescrever esses depoimentos da maneira em que aparecem no site, por isso não corrigimos possíveis erros ortográficos:

- 1- “Old Hollywood Myths Peddled Anew
26 february 2006
Author: paul-2011 from United Kingdom
This film is most frustrating in the way it misrepresents the nature of the war and the nature of the British rulers from whom the patriots “freed” themselves.
(...) The second myth is the nature of the British riling class at the time. We are presented with the main villain who is a thinly disguised representation of Banastre Tarleton, one of the most effective commanders on either side. He is characterized as an oily Edwardian toff with an Oscar Wild accent and the airs of a prince of the blood. In fact, Tarleton was form a middle class, Liverpool family. At that time Liverpool was much more akin to the Chicago of the 1800s than the leafy shires of Hollywood-England with country houses, mi-lords, milkmaids and faithful family retainers.

The Tarletons and their ilk were very “American” in their aggressive pursuit of wealth which they then used to purchase high positions in society. Young Banastre did not get his commission in the army through the nobility on his family tree. It was bought with hard cash earned by the family from the shipping trade. He relatively high rank at an early age was awarded in recognition of the ability he displayed in the field.

(...) As to the cruelty ascribed to Tarleton and vividly practiced by his proxy in the film, there may have been some truth to his having killed troops who had already surrendered. It does happen in war. But there is little evidence of a sustained policy of murder on his behalf. However, his ability to win even when at a disadvantage was certainly a problem for the enemy. No doubt inflating his reputation for ruthlessness was a useful American propaganda ploy to convince their notoriously unsteady troops that surrender of flights was not necessarily going to save them from the fury of “Bloody Ban” and his redcoats. It was sold to them as a case of flight or die. (...) Furthermore, this reputation did not follow him home where he returned and was elected to represent Liverpool in Parliament for many years before an honorable retirement to Shropshire.”²⁷

- 2- “A failed action movie that distorts history in every way possible...
29 april 2009

(...) Another scene I hate is when Tavington kills an innocent civilian for no reason. Tavington is based on real-life Colonel Banastre Tarleton, an excellent British commander of cavalry. He was an excellent general, not a cold-blooded killer, and most likely, he never shot an innocent civilian in cold blood. All-in-all, this movie is just plain terrible. The fact that it is so incredibly historical inaccurate simply ruins the movie entirely.”²⁸

- 3- “Long live to Banastre Tarleton
9 may 2006

Author: Jmhl3 from Glasgow, Scotland

Please, if you haven’t seen this inaccurate Hollywood attempt at the American Revolution, then steer well clear.

The character of Colonel Tavington makes a villain out of Britains military hero Major-General Sir Banastre Tarleton. A man who led a valiant loyalist force against the rebels. Brag all you want but the amount of Loyalists compared to Rebels is far greater. You can talk all you want about the “Waxhaw Massacre” but the fact remains a rebel shot Tarletons horse and his troops had a right to open fire at the spur of the moment, fearing they were going to be fired at.

(...) Another thing, stop calling us “English”. WE ARE British. England, Scotland, Wales, Northern Ireland even some Gibraltarians consider themselves British, Thats what we are. I can’t tell you, that you must never call a Scotsman an Englishman. My mates were up in arms at this point.

I’m not turning this into an Anti-American rant. On the contrary America is a fine country with much to offer, only Hollywood is educating Americans about the rest of the world for the worst.”²⁹

As críticas acima mostram como os ingleses se sentiram ofendidos pelo personagem Tavington, sentiram que sua História fora ofendida. Assim, recorreram à História para mostrar como o filme estava errado ao retratar Tavington, inspirado em Banastre Tarleton, como uma pessoa capaz de cometer qualquer crueldade, algumas delas fazem isso com muitos detalhes, como a primeira crítica reescrita aqui, que recorre ao início de sua carreira, mostrando como

²⁷ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1055>. Acesso em: 05 dez. 2013.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1070>. Acesso em: 05/12/2013.

Tarleton adentrou no exército bretão através do dinheiro conseguido com muito esforço. Sabemos que a Grã-Bretanha tem uma História militar importante, portanto um militar retratado de maneira perversa, como um verdadeiro vilão, ultrajou a imagem de um símbolo nacional. Assim, essas críticas ressaltam o brilhantismo da carreira militar de Tarleton, justificando as mortes dentro dum contexto de guerra, uma delas até afirma que as evidências indicam que Tarleton nunca matou um civil.

Agora vamos transcrever algumas críticas de americanos a respeito do personagem Tavington:

- 4- "Not Your Real Swamp Fox
12 december 2010
Author: bkoganbing, Buffalo, New York
(...) Jason Isacs is the Tavington/Tarleton character and he's every bit as nasty as piece of work as Banastre Tarleton was in real life. The man relished war and killing and believed in waging totally against His Majesty's rebels. The phrase "Tarleton's Quarter", came into the language after he massacre some colonial troops who had surrendered. He was real big on those kind of atrocities, Governor Thomas Jefferson of Virginia fled with no dignity when he got word that Tarleton's troop were minutes away from Monticello. He knew exactly what the author of The Declaration of Independence would have received at his hands.
It would have been poetic and nice if he had met his end during the Revolutionary War, but Tarleton went back to the United Kingdom and took up seat in Parliament and was a noted defender of slavery and slave interests."³⁰
- 5- "History and fiction: Aim small in detail miss small in detail
2 may 2010
Scriptorius, United States
(...) The movie is accurate in small details of history and it hits is mark. (...) The chief bad guy in the movie, the thoroughly ambitious and ruthless Colonel Tavington, is portrayed splendidly by John Isaacs. The Tavington character is loosely based on the history of British officer Col Banastre Tarleton. The very real Tarleton was boyhood best friend with Henry Mouzon. On August 7, 1780, Tarleton burned Mouzon's home to the ground. Tarleton apparently liked to burn things. This site shows the historical marker for the church burned but the British under Tarleton's order: <http://www.hmdb.org/marker.asp?maker=27903>. So yes, the war in history brought out the worst in Tarleton's heart."³¹
- 6- "An entertaining movie, but not a history lesson
4, july 2000
Author: A2Z, Long Beach, CA
(...) The movie villainous Lt. Col. Tavington, who is also loosely based on Lt. Col. Banastre Tarleton, is not too far from the truth, though a little over the top. Is during the retreat of Waxhaws that Tarleton come to symbolize British cruelty in the Revolutionary War. Tarleton was seen as a "butcher" when American forces under Col. Abraham Buford laid down their arms in an attempt to surrender yet British continued their assault. From then on, his reputation grew and "Tarleton's quarter", in effect, came to mean "no quarter".
In the tradition of the day, after the surrender at Yorktown, American officers hosted the defeated Cornwallis and other British officers at their respective

³⁰ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1190>. Acesso em: 06/12/2013.

³¹ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1182>. Acesso em: 06/12/2013.

tables. But no American invited Tarleton nor would any eat with him. Tarleton asked if the omission was accidental, and he was told that it was not, because of his past atrocities.

Tarleton lived a long life, condoning his use of total war – burning houses, destroying crops, the end justifying the means. He also would never admit any fault at Cowpens, saying he was “outnumbered” and received inadequate assistance from Cornwallis. He wondered, “how some unforeseen event” could “throw terror into the most disciplined soldiers”³²

Podemos perceber a diferença no tratamento da figura de Banastre Tarleton nas críticas dos ingleses e dos americanos. As críticas acima confirmam a maneira como Tavington é mostrado no filme, recorrendo, novamente à História, demonstrando, com incrível conhecimento de detalhes, que, dessa vez, o diretor fez um bom trabalho ao mostrar a crueldade deste personagem. As críticas americanas se dividem entre pessoas que amam e pessoas que não gostam do filme. Entretanto, ao falarem de Tarleton concordam que o filme fez jus à sua fama. É recorrente citarem o episódio em que Tarleton teria mandado assassinar a tropa inimiga mesmo após a rendição, e teria perdido amigos até entre os ingleses devido a esse ato. A primeira dessas críticas transcritas aqui recorre a sua carreira política defendendo escravocratas para comprovar que se tratava de um vilão. Essas críticas também falam da cena mais polêmica do filme envolvendo Tavington: a igreja que fora queimada cheia de fiéis, mostrando que isso realmente aconteceu. Uma delas inclusive fala que Tavington gostava de “queimar coisas” e mostra um site onde podemos comprovar esse “fato”.

Dessa maneira, fica claro que duas construções historiográficas aconteceram em volta da figura de Banastre Tarleton. Uma, a inglesa, o vê como um militar exemplar, que atingiu o sucesso na carreira através de seu esforço, lutou na guerra e voltou com status de honra. Construiu uma carreira política de sucesso e jamais seria capaz de cometer as barbaridades mostradas no filme. A visão americana desta figura o vê como um militar cruel, assassino, “o açougueiro”, capaz de queimar igrejas, que reflete ao povo americano todos os aspectos ruins da guerra: a violência e a morte. Por isso, ainda falam que ele não deveria ter saído vivo dos campos de batalha, e se tornou um escravocrata quando adentrou à política. Entretanto, nenhuma das críticas lidas para este trabalho, cita essa diferença de tratamento dado à imagem de Tarleton. Cada crítica defende seu conhecimento histórico em volta deste personagem, criticando ou elogiando a maneira como o filme o mostrou. Leandro Karnal fala rapidamente sobre Tarleton e Francis Murion, que inspirou Benjamin Martin, protagonista do filme, explicando, em volta do personagem Tarleton, o motivo pelo qual os ingleses são considerados inimigos e como Tarleton foi herói para os ingleses:

³² Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-148>. Acesso em: 06 dez. 2013.

Um dos fatores que mais uniu colonos em torno da causa da independência foi a violência inglesa. Banastre Tarleton, por exemplo, foi apelidado de açogueiro pelos norte-americanos, pela ferocidade com que matava mulheres e crianças e incendiava aldeias inteiras. Um dos objetivos de Tarleton era capturar um guerrilheiro pró-independência, Francis Murion, apelidado de Raposa do Pântano. Tarleton morreu com o título de sir (nobre) na Inglaterra, em 1883. Francis Murion morreu como um respeitado patriota na Carolina do Sul, em 1975. Cada um foi herói para o seu país.³³

Karnal fala de aldeias incendiadas e as críticas americanas também falam que isso pode ter acontecido, entretanto, a cena da igreja sendo queimada a mando de Tavington, cheia de pessoas dentro, é a mais comentada do filme, segundo as críticas do IMDb. Apesar desses depoimentos dizendo que isso realmente aconteceu, a grande maioria das críticas citam a cena como uma grande falha no filme, um momento apelativo e desnecessário. As críticas à cena da igreja sendo queimada acontece entre ingleses, americanos e pessoas de outros países:

- 7- "It could've been so beautiful
16 June 2009
Author: chucknorrisrules from United Kingdom
(...) My main problem (predictably), the British are portrayed as ridiculously. O.T.T. 18th Century Nazis. Granted, the British Empire wasn't always that nice with plenty of atrocities to boot, but neither side was worse than the other during the revolutionary war. However, here the British redcoats shoot wounded soldiers, burn down houses, kill people even to the point of barring them in a church and burning it, which is disturbing considering that the (German) director is copying atrocities that the SS committed in WWII (the church one matching the 1994 Oradour-Sur-Glane massacre) while making people believe we British actually did this in the war."³⁴
- 8- "Ultra terrible
9 April 2009
Author: freemantle_uk from United Kingdom
(...) This film is truly terrible. I hate historical inaccuracies in film and like *Breaveheart*, *The Patriot* takes the Mick. The British never launched a massive terror campaign against civilians, let alone burn down a church full of a whole village. That was based on a Waffen SS attack in France, not 18th century America."
- 9- "This is NOT an American movie!!!
6 August 2007
Author: gatsby06 from United States
(...) This British soldiers are portrayed as 18th century versions of Nazi Storm Troopes, and Jason Isaacs playing a fictional Col. William Tavington as an unbridled sadist who kills, burns and pillages just for the fun of it. The high point of the movie, so speak, is when Tavington locks the townspeople in a church – after they tell him what he wants, ratting out a fellow patriot – and burns the entire town, women, children, men, boys, to death.
I know something about the history of the Revolution, and had never heard of this. Apparently, it is based on a Nazi war crime, not anything done by the British. The movie is directed by a German, Roland Emmerich, which perhaps tell us something."³⁵

³³ KARNAL, L. **Estados Unidos: a formação da nação**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 88.

³⁴ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1167>. Acesso em: 06 dez. 2013.

³⁵ *Ibidem*.

A cena da igreja sendo queimada matando todos que estavam dentro dela é a que gera mais controvérsias de todo o filme. Como podemos ver pelos trechos das críticas transcritas acima, ingleses sentem-se ofendidos por colocarem, novamente, o inglês Tavington no comando dessa ação. Mas americanos também não gostam da cena, porque, ao mesmo tempo em que ingleses se sentem insultados ao colocarem que eles seriam capazes de uma monstruosidade dessas, americanos também se ultrajam por um filme americano ter uma cena como tal.

Entretanto, uma coisa em comum em quase todas as críticas que citam a cena da igreja sendo queimada é a menção à que essa era uma prática que os nazistas se utilizavam durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, esses depoimentos não somente criticam o filme por não ser historicamente correto, mas colocam o nazismo como um símbolo de maldade, eles sim foram capazes de trancar pessoas em igrejas e por fogo nelas, não ingleses do século XVIII. Essas críticas ainda levantam a ideia de que o diretor do filme é um alemão, então ele deveria saber que se tratava de um crime cometido pelos nazistas, ou então que ele se utilizou desse símbolo de crueldade que o nazismo adquiriu para intensificar a vilania dos ingleses em seu filme.

A questão da escravidão também é muito comentada pelos críticos. Falamos no capítulo anterior como o diretor do filme não coloca isso como um problema, trata-o de maneira superficial, existe um apaziguamento de conflitos, mostrando a relação entre branco e negro no período de maneira muito harmoniosa. O filme se passa na Carolina do Sul, pelos trechos das críticas já postadas aqui percebemos como esses comentadores conhecem detalhes históricos, portanto sabem que a escravidão, especialmente no sul dos Estados Unidos naquele período, não era livre de conflitos, como aparece no filme. Vejamos alguns trechos dessas críticas:

10- "Heroes and Vilains

9 march 2007

Author: James Hitichcock from Tunbridge Wells, England

(...). It was originally intended to make the film about Francis Marion, a real-life figure. Unfortunately Marion, although undoubtedly courageous and skilled guerilla leader, was also a slave-owner (as any landowner of substance in 1770s South Carolina would have been) and was therefore deemed unworthy to be the hero of a modern blockbuster. (...) The slavery issue could have been avoided by moving the action to, say, New England, but instead the film gives us a wholly unrealistic picture of race relations in the period. The black workers on Martin's land are all free men, and black white live together in harmony, with soldiers willing fighting alongside whites in the Continental Army.

(...) (Incidentally, a reason why so many Southerners supported the revolutionaries was that slavery had been declared illegal in Britain itself in 1771 and they feared that the British Parliament would eventually legislate to

ban it in colonies. Needless to say, there is no mention of this attitude in the film. (...).”³⁶

11- “Almost so bad to be entertaining but it leave a bad taste in the mouth
28 january 2010

Author: Theo Robertson from Isle of Bute, Scotland

(...) In this version of America everyone lived in a multi ethnic egalitarian utopia where all men are equal before God. Not only were black people not slaves but if look closely you can spot the occasional black face walking along streets unhindered. One can understand how much hatred Spike Lee has for the film and has been very vocal about it and it really is laughably bad the way the film spins out how much equality is afforded to African- Americans in the late 1700s. It’s a bit like watching a version of SCHINDLER’S LIST were no one actually gets murdered for being Jewish, Just for the record Britain abolished slavery in 1807 while the Americans didn’t get round to do It for decades later.”³⁷

Essas críticas denunciam a maneira como a escravidão é tratada no filme. A primeira delas fala de Francis Marion que, como os próprios produtores do filme falam em entrevistas, fora uma das três das figuras que inspiraram o personagem Benjamin Martin. O autor nos fala que o personagem não poderia ser Francis Marion no filme, já que este era dono de escravos, esse título não caberia bem ao herói interpretado por Mel Gibson. Essa crítica nos diz que se o diretor quisesse mesmo evitar esse tema, deveria ter deslocado a história para uma colônia do norte, como a Nova Inglaterra. É um fato conhecido que o norte dos Estados Unidos não tinha um sistema escravagista tão desenvolvido quanto o sul, mas isso não quer dizer que não existiam escravos ali. Apesar disso, ao posicionar seu filme no sul, Emmerich chamou mais a atenção dos espectadores ao tema, ou a falta de uma discussão apropriada sobre ele.

Ambas as críticas, que são inglesas, ainda falam que a Inglaterra libertou os escravos anos antes dos Estados Unidos (apesar de não concordarem com a data em que isso aconteceu). Essa foi uma tentativa de limpar a História britânica já que os filmes os colocam como os grandes inimigos. A Inglaterra sim foi capaz de abolir a escravidão décadas antes dos Estados Unidos, que se coloca no filme lutando por justiça e liberdade contra esse inimigo cruel. Essa contradição não é abordada no filme, a noção que a liberdade só viria para poucos. Incomoda aos críticos que todos os negros que aparecem no filme, com exceção de um único personagem, são trabalhadores livres. O único personagem que diz ser escravo está a lutar pela sua liberdade junto ao exército independentista, lado a lado com homens brancos, sem despertar conflitos. O único conflito que cabe neste filme é entre as 13 colônias e a Inglaterra, não cabe outro conflito nessa história.

³⁶ Disponível em: http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?ref_=tt_urv. Acesso em: 11 dez. 2013.

³⁷ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1174>. Acesso em: 11 dez. 2013.

Dentre essas críticas que não gostam do filme, existe outra tendência, a de culpar Mel Gibson, protagonista, pela caracterização dos ingleses da forma que o filme o faz. Abaixo citamos algumas delas:

- 12- “Ultra terrible
9 april 2009
Author: freemantle_uk from United Kingdom
What does Mel Gibson have against the English? He made the awful Breaveheart and he ends up doing this trash which is Breaveheart 2 in all but name. What does Hollywood have against the British? It’s not like we have been America’s biggest ally since the Second World War and in recently CNN poll 90% of Americans have a favorable opinion of Britain. (...) Films like this need to be stopped being made.”³⁸
- 13- “Terrible history, bit an OK brainless action flick – Conan the Patriot
25 july 2006
Author: ntsci from Canada
As someone of British ancestry, I feel very offended by this film... (...) Apparently Mel Gibson thinks we English are Nazis. (...) Mel, how about making a film about the revolution that both American and British citizen can watch, enjoy and come away thinking, now that was a good movie. Instead, Mel chose to vilify the British to sell tickets.”³⁹
- 14- “From an Australian: Mel “ I hate the English” Gibson.
15 august 2006
Author: pdvincit from South Carolina USA
This is indeed, more jingoistic propagandized hogwash. But not from America!
From an Australian: Mel “I hate the English” Gibson.
(...) After “Breaveheart” and this, the next movie will star Mel as a Boer General against the awful colonial Brits, or as Gandhi against the awful colonial Brits, or maybe as de Valera against the awful colonial Brits, or maybe Menachem Begin against the awful colonial Brits – ad nauseum!”⁴⁰

Essas críticas mostram como Gibson foi acusado de ódio pelo povo inglês, levando a culpa por esse aspecto do filme. A primeira dessas críticas já levanta um dos motivos que reforça essa impressão dos comentadores do filme: Mel Gibson também é o astro de *Coração Valente (Breaveheart)*, filme dirigido pelo próprio Gibson, ganhador de cinco Oscars e que fez um imenso sucesso ao redor do mundo. *Coração Valente* conta a história de William Wallace e sua luta pela independência da Escócia de sua metrópole, a Inglaterra. É, realmente, um roteiro parecido com o de *O Patriota*, Wallace só vai a luta após ingleses matarem sua mulher, assim como Benjamin se junta aos independentistas após matarem seu filho, Thomas. Os ingleses são retratados de maneira parecida, cruéis e sanguinários. Sendo protagonista desses dois filmes, Gibson não dificultou a vida de quem quer acreditar que ele realmente tenha algo pessoal contra os ingleses. O que é curioso é que em *O Patriota*, Mel Gibson não é o diretor ou o roteirista do filme, mas mesmo assim ele é quem leva a culpa pelo roteiro.

³⁸ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1164>. Acesso em: 22 jan. 2014.

³⁹ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1079>. Acesso em: 22 jan. 2014.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1082>. Acesso em 22 jan. 2014.

A primeira das críticas, que vem do Reino Unido, se pergunta de onde vem esse ódio que vê em Hollywood já que a Inglaterra é a principal parceira dos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial e a grande maioria dos americanos aprova essa parceria. A segunda, que é canadense, mas diz ser descendente de britânicos, sugere a Mel Gibson começar a fazer filmes que possam ser admirados tanto por americanos como por ingleses, para ele Gibson está só interessado em vender ingressos. Essas são outras tentativas de defender a honra do Reino Unido, agora culpando Gibson de tê-la destruído.

A terceira das críticas transcritas aqui é de um americano e ele vem dizer que Gibson é australiano, portanto os espectadores do filme não devem achar que os americanos odeiam os ingleses. Para o comentador, os próximos papéis do ator seriam os líderes de outros conflitos contra “o terrível exército inglês”. Essa crítica, que não gosta do filme, tenta defender os americanos por terem tratados os britânicos de maneira tão cruel, culpando assim, um australiano.

Já ficou claro pelas críticas postadas aqui até o momento que os ingleses não gostaram do filme e sentiram que sua História fora manchada por ele. Agora americanos se dividem entre críticas positivas e negativas a respeito de *O Patriota*. Falaremos as críticas positivas mais tarde, mas agora destacaremos alguns dos motivos pelos quais americanos não gostam do filme, destacando um efeito contrário que o filme gerou, o não orgulho em ser americano.

- 15- “Not worth it
5 July 2000
Author: teresahill from Boston
(...) Manipulating an audience with cheap tactics like these is a cop-out on a real storyline.
Most of the sadistic scenes in the second half of the movie could have been edited out and it would have been a better movie for it.
Even without the unnecessary and continuous slaughter of civilians, we would’ve still rooted for the Americans. Give us some credit.”⁴¹
- 16- “This movie is propaganda
8 June 2008
Author: merils from United States
(...) It’s complete propaganda for the neocons who attempt to pass this stuff off for patriotism and some sick idea of “freedom”. This sort of crap brainwashes our children into believing it’s okay to torture terrorist because they are the “other”. (...) Lets all just stitch up our American flags and go kill 20 British people because they killed one American. Because we all know American lives are worth more than any other in the entire world.”⁴²
- 17- “Stupid, stupid, stupid – Please tell me this film does not represent American Patriotism
14 July 2010
Author: brocksilvey from United States

⁴¹ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-211>. Acesso em: 11 dez. 2013.

⁴² Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?filter=chrono;filter=chrono;start=40>. Acesso em: 11 dez. 2013.

(...) The film puts at its center villain so ridiculously that we root for the protagonist by default, even though his motives are just as sadistic. And the fact that this story is sold as a patriotic tribute to America only adds to its nauseating qualities.”⁴³

Assim, em alguns desses depoimentos, podemos perceber que o patriotismo que *O Patriota* tentou vender não foi aceito tão bem por todos. Essas críticas percebem o exagero na dramatização de algumas cenas como uma manipulação de nossos sentimentos para, mais uma vez, elevar a pátria americana, e não gostaram disso. Na primeira das críticas transcritas acima, o autor diz que, como americano, mesmo sem essa dramatização extrema, o filme conseguiria atingir os espectadores, por isso ele se sentiu subestimado.

A segunda crítica vai mais além, entende o filme como uma propaganda. Desde os ataques às torres gêmeas em 2001, o terrorismo é um assunto muito falado nos Estados Unidos e em todo mundo, essa crítica é de 2008, assim, esse autor afirma que o filme tem uma função no sentido de “ensinar” pessoas que matar estrangeiros, torturar terroristas não é errado se americanos também foram atacados. A crítica termina dizendo, ironicamente, que uma vida americana vale mais que qualquer outra vida.

A terceira crítica reescrita aqui tem um título já sugestivo, dizendo que o filme não representa o patriotismo americano. Neste trecho, o autor também fala dos exageros do filme, e que ele fica “nauseado” que essa história é vendida como patriótica. Todas essas críticas remetem à maneira que Emmerich coloca os ingleses como extremamente cruéis e americanos utilizando da violência, não como crueldade, mas com todo o direito de lutar, já que o que está em disputa é a sua liberdade. Esses depoimentos entendem o filme como uma propaganda pró Estados Unidos, o que é diferente de patriotismo, não é uma noção de pertencimento à nação, é uma promoção à ideia de que o povo americano é maior, melhor, merece mais crédito que os outros povos, especialmente os britânicos, porque lutou, venceu e conseguiu sua independência sozinhos.

Mas para alguns críticos, *O Patriota* cumpre seu papel. Voltando à ideia inicial deste trabalho, identificar nestas críticas símbolos de nacionalismo despertado pelo filme. Vamos, a seguir, demonstrar como o ele consegue, em alguns casos, despertar o sentimento de orgulho e de pertencimento a nação e que atributos eles se utilizam para exprimir isso.

18- “A revolutionary movie-British critics beware
8 november 2012

Joshua Michael Riley

This is an absolute, heart wrenchingly wonderful movie. I am American. And yes this movie tugs at my heart strings. I have watched reviews like this for

⁴³ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1185>. Acesso em: 11 dez. 2013.

years without ever saying a word... But now is my time. Mainly aimed towards movies such as Breaveheart and this, these reviews often disgruntle it not disgust me. Though I see a common pattern. Each review that bothers me is the product of one of some British loser bitter in his nature. (...) This movie were made to appeal to the masses who provide the main income for those involved in the making. And guess what, that main source of income, the masses thereof, come From United States of America. Because guess what? That's where the money is. True that in this film the British are made out as the bad guys because guess what, the majority of viewers of this film the call themselves Americans. So forgive us please for creating a fictional Hollywood film portraying our country as the "good guys". (...) If Britain were to create such a fabulous movie portraying us as the bad guys we would probably clap our hands and enjoy it because we have the courage to respect your viewpoint and enjoy the movie. (...) And yes, it makes us feel good about our history because... that's right... Our rebellious, cock ancestors whooped your British butts in the revolutionary war. And can talk all the smack you want but, we are still the victor! Most of our states are larger than your entire country and we have 50! Get it Brits? (...) Forget your national pride and watch this movie as an unbiased viewer. If the story doesn't touch your heart then you do not deserve to have one."⁴⁴

19- "Great patriotic film...

29 June 2000

Author: regniers-2

I found the Patriotic to be a very exciting and moving film... (...) I've notice that the real bitterness towards this film comes from people who feel that it is revisionist history. As an American, I realize that the winners of the wars almost skew the facts and figures in their favor (this includes the English, the French, the Germans... it is not merely an American fault). I'm not going to say that if you hate this film you're the wrong because you're not patriotic, or un-American, but please have some respect for both sides of this great conflict."⁴⁵

O que essas duas críticas tem em comum é a reprodução da principal ideia do filme: a glorificação desse momento da História americana em detrimento dos derrotados, os ingleses. Esses críticos leram os depoimentos anteriores aos deles, destacando especialmente os britânicos, que não gostaram do filme e se sentiram ofendidos por eles, e rebatem esses comentários. Eles dizem que o filme é feito por americanos, portanto devem, claro, elevar o povo americano. É feita uma tentativa de justificar o exagero na dramatização dos momentos em que são mostradas as ações dos estadunidenses. A primeira crítica fala que o filme é feito para as grandes massas, e a maioria dos espectadores são americanos, ele é feito para agradar a eles. Já a segunda entende que alguns dos fatos mostrados no filme foram distorcidos a favor dos americanos, mas que isso é normal e é uma prática feita por todos os vencedores de guerras.

Entretanto esses comentários, mais o primeiro que o segundo, atacam os ingleses, chamando-os de ranzinhas com base em seus comentários negativos que leram a respeito do

⁴⁴ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1216>. Acesso em: 12 dez. 2013.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?filter=chrono;filter=chrono;start=1090>. Acesso em: 12 dez. 2013.

filme. Eles entendem que esses comentários foram desrespeitosos ao ponto de vista americano a respeito da guerra. A primeira crítica diz que se os ingleses fizessem um filme onde os americanos seriam os vilões, eles respeitariam e entenderiam esse ponto de vista, mas em seguida inicia uma série de ataques aos ingleses dizendo que os americanos ganharam sim a guerra e que seu país é muito maior que a Grã-Bretanha, poderia existir nesses comentários um despeito. Ambas as críticas sentem o filme como um ato de patriotismo, não gostar do filme é não ser patriota. Mas esse patriotismo se manifesta atacando o “inimigo”, é preciso agredir o outro para que sua pátria seja glorificada.

Essa é uma maneira em que o nacionalismo se faz presente nesses comentários do filme, e como falamos no capítulo anterior, o filme também se utiliza desse artifício. Conseguimos identificar mais alguns símbolos patrióticos nessas críticas que elogiam *O Patriota*, vamos transcrever alguns desses depoimentos a seguir:

- 20- “Will make you proud to be an American
4 july 2012
Author: zeeboe82 from United States
(...) During the American Revolution, it’s likely (although I’m not 100% sure) based on my studies, everyone (Americans included) spoke with an English accent, and it probably didn’t even sound like today’s English accent. However, from an entertainment stand point, in my view, I enjoy the fact that in “The Patriot” the American characters speak in an American accent, and the English characters speak in an English accent. Reasons being is because
First – Being an American myself, it makes me able to relate to the Americans characters more when I hear their American accent.
Second – Because of the difference in the accents between the American characters and the English characters, it creates a more of a culture clash, and adds to the tension and makes it all the more entertaining. All wars have a “Us against them” attitude, and if the accents were exactly the same in “The Patriot”, I question If that tension and crystal clear distinction between the two would have been there. It just makes the film more entertaining by having the accents be different.”⁴⁶
- 21- “Absolutely PERFECT!!!!
30 june 2000
Auhtor: William Wallace from Nashville, TN
(...) You care about the main characters like you would no other recent movies! The battle scenes, especially the one with Mel Gibson charging with the American flag, looks as if every frame per second was from an art gallery painting! This is what the movie going experience is all about.”⁴⁷
- 22- “Very well done
29 october 2008
Author: evanmathews53 from Knoxville, TN
(...) The movie held my interest. It was never dull or slow. The sets were just great and I often felt like I was in the middle of the battlefield. I loved the flashes of color, cannons blazing, colonial flags waving, the columns of

⁴⁶ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1213>. Acesso em: 15 dez. 2013.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.imdb.com/user/ur0465268/comments>. Acesso em: 15/12/2013.

British soldiers dressed in their best and brightest uniforms and the array of woman and children who were colorful parts of colonial America.”⁴⁸

23- “Like it – see below

2 april 2008

Author: cleverfox from United States

Just watched this movie for about the 20th time (...). Yes the depiction of the Revolutionary War was NOT 100% accurate but was never intended to be; just a drama set against the background of a war and it was refreshing to see the war in the background, whereupon American blood is spilled on American Soil, was the Revolutionary War and not, another Civil War piece; indeed the Civil War has been played so many times in films over past quarter century it was just refreshing to see a different war...”⁴⁹

24- “Proud to Be an American

15 may 2001

Author: Cal Nguyen (CALINZ) from San Jose, CA

This movie makes me proud to be an American, where are freedoms are fought by our men woman in uniform, yet citizens would proudly fight one day if we must, against a takeover in a war.”⁵⁰

Colocamos aqui, então, alguns depoimentos que apontam símbolos de nacionalismo americano despertados pelo filme. A primeira das críticas fala de uma das principais propriedades que une um país: a língua. O crítico elogia o diretor do filme por usar o inglês americano e não o britânico nas falas dos personagens, já que no período em que a história se passa, acredita-se que se falavam com o sotaque britânico. Ele acredita que isso possibilita uma maior identificação entre os personagens e os espectadores, contando, também, que o público do filme é estadunidense. Esse crítico também argumenta que americanos e ingleses falando de maneira diferente no filme, intensifica o conflito pois marca essa distinção entre os dois povos. Então, a questão da língua, um símbolo forte de um país, não passa despercebida por essas críticas, e usa, inclusive, argumentos fortes para explicar o motivo pelo qual isso lhe chama a atenção, a identificação entre personagem e público.

Outro símbolo forte patriótico é a bandeira. É uma marca conhecida do cinema hollywoodiano usar a bandeira americana constantemente em seus filmes, e vimos no capítulo anterior que ela tem um papel de destaque em *O Patriota*. As críticas também não deixam de comentar as cenas com a bandeira americana, principalmente aquelas em que Mel Gibson a hasteia. A segunda e a terceira crítica postadas aqui falam sobre isso. Podemos perceber o entusiasmo desses depoimentos ao assistirem essas cenas, comparando elas à obras de arte. Elas ainda falam dos uniformes usados no filme, que também é um símbolo de identificação da nação e remete a esse patriotismo. Notamos como esses símbolos visuais despertam esse sentimento de orgulho à nação baseado no estético, quando a bandeira é comparada à obras de

⁴⁸ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1158>. Acesso em: 15 dez. 2013.

⁴⁹ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews>. Acesso em: 15 dez. 2013.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?start=40>. Acesso em: 15 dez. 2013.

arte, ou os uniformes que tiram a noção de indivíduo e impõe a ideia de que todos lutam pela nação, todos são a nação.

A quarta e quinta crítica que transcrevemos aqui elogia o filme por dois motivos diferentes e complementares. A primeira delas lembra que diversos filmes foram feitos a respeito da Guerra Civil ou de Secessão norte-americana, entretanto, poucos são os que tem como tema a Guerra de Independência. Nisso *O Patriota* se destaca, ele enfrentou essa questão, tratou de falar de uma guerra mítica para o povo americano, apesar de não ser “historicamente correto”. A segunda dessas críticas fala algo que diversos depoimentos falam e que já foi tratado aqui, o patriotismo despertado pelo filme que mostra seus antepassados lutando pela liberdade de seu país.

Todas essas críticas, que nos remetem a símbolos de nacionalismo trazidos pelo filme como a língua, a bandeira, uniformes militares, e a última delas, que diz claramente que o filme lhe despertou um sentimento patriótico, transforma *O Patriota* em si, em um símbolo de patriotismo. Já ficou claro, por tudo que falamos anteriormente, que o filme é controverso, há quem ame, há quem odeie, mas a partir do momento em que existe em torno dele uma aclamação que remete ao orgulho da nação em que pertencem, o filme se torna um símbolo de patriotismo para essas pessoas.

Para comprovar isso, vamos citar algumas críticas que admitem terem visto o filme no 4 de julho, o dia em que os Estados Unidos comemoram a Independência das 13 colônias da metrópole, a Grã-Bretanha:

- 25- “A wonderful birthday present
28 June 2000
Author: Eagle-13 from Charleston, SC
I and quite a few other Charlestonians, saw this movie for the first time tonight. We were drawn to it, perhaps due to it being filmed in the area, perhaps because it was about South Carolina (...). What a pleasure this movie is! Yes, it has violence, and even some thersms not “popular” or “politically correct” (...) but this film is wonderfully American – describing American defiance, American ingenuity, and American quest of freedom.
What a wonderful birthday present this is for our country. See it. You won’t regret it, and you may even feel a little skip in your heart the next time you see our flag.”⁵¹
- 26- “Will make you proud to be an American
4 July 2012
Author: zeeboe82 from United States
(...) I think history buffs will enjoy this film, as well as anyone looking for a good movie to watch on the 4th of July. (...) All and all, “The Patriot” is a great and fun film full of beauty, emotion, romance, action, and drama that will not only entertain you, but teach you a lot about early American history as well. It has a wonderful soundtrack, and is a good film to watch anytime of the year,

⁵¹ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?filter=chrono;filter=chrono;start=1110>. Acesso em: 16 dez. 2013.

but it's extra fun to watch it around or on the 4th of July. It'll make the holiday twice as festive if you have a cool American Revolution film to watch. After swimming and enjoying BBQ all day with your family on 4th July, this is a great movie to pop-in and watch with them at night. It will make you proud to be an American."⁵²

27- "A must see historical perspective of the war that ensured the Independence of the 13 colonies

10 september 2009

Author: Robert F. Dale from United States

During the 4th of July , 2007 celebration, we decided to see this movie to put the birth of our nation into perspective. We just complete a vacation tour of the South Eastern United States visiting our home State Florida, and then driving through Alabama, staying for a few days with family in Fayetteville, Georgia, then onto to Tennessee, North Carolina, Virginia, West Virginia, Washington DC, South Carolina and back through Georgia, finally arriving safe at home in Miami Lakes, Florida. Throughout our trip, we visited memorials, monuments, and historical places that inspired taking the time to delve into the patriots that forget our way of life. (...) As we watched the movie (...) we were left with the realization that our nation was formed by men willing and able to sacrifice all for a new way of life... for the gift that it represents to live our lives guided by the precious document represented by our Constitution, and with the awesome responsibility of doing whatever it takes to ensure that the USA remain... free from tyranny! A must see film!!!"⁵³

A primeira dessas críticas vem da Carolina do Sul, local onde a história do filme se passa, o que gerou mais interesse em torno do filme, e talvez mais identificação. O filme é muito elogiado e o depoimento ainda relata que é um ótimo presente de aniversário à nação, já que a crítica data de 28 de junho, vésperas de 4 de julho. A questão da bandeira é novamente relembada, dizendo que sentirá algo especial da próxima vez que olhar para uma.

A segunda crítica já foi citada anteriormente e agora transcrevemos outra parte dela, destacando que a própria crítica é escrita em 4 de julho de 2012. Além dela falar que o filme é uma ótima pedida para o feriado, ele se sentou e escreveu esse depoimento a favor do filme neste dia, dizendo que ele o fez se sentir bem em ser americano, especialmente assistindo-o neste dia festivo.

Já a terceira dessas críticas, fala também em ter assistido o filme no 4 de julho mas em um momento especial: após uma viagem que passou por vários estados americanos, e como frisam, monumentos e marcos históricos a respeito do movimento independentista do século XVIII. Eles falam que viram o filme para colocar esse momento da História americana em perspectiva e concluíram que sua nação foi construída por homens dispostos a sacrificar suas vidas para transformar o mundo em um lugar melhor e o grande símbolo disso é a Constituição americana. O depoimento conclui que agora fica com essa geração a

⁵² Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1213>. Acesso em: 16 dez. 2013.

⁵³ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?filter=chrono;filter=chrono;start=40>. Acesso em 16 dez. 2013.

responsabilidade de continuar esse legado contra a tirania. Tirania que no filme é entendida como os ingleses, hoje podemos entender como o outro.

Todas falam em assistir filme no dia 4 de julho ou as vésperas dele, uma data marcante para os Estados Unidos, dia em que celebram sua independência da metrópole, a Grã-Bretanha. Isso torna o filme uma fonte de sentimento de nacionalismo mas mais que isso, buscam nele uma fonte de informação a respeito do que aconteceu com aqueles homens àquela época. Essas críticas tomam a história do filme como verdade, talvez não o script da história de luta e vingança de Benjamin contra Tavington, mas o heroísmo retratado daqueles homens contra o inimigo sanguinário, lutando pela liberdade de seu país, o que era sempre lembrado pelo personagem Gabriel. Eles sentem-se herdeiros desses heróis, veem nisso um motivo de força para ainda lutarem por essa liberdade quando sentem que ela está ameaçada, como por exemplo os ataques terroristas às torres gêmeas em 2001 ou o atentado à maratona de Boston recentemente. Essas críticas nos passa um sentimento de que eles são filhos desses independentistas, especialmente nesses momentos.

A maneira como a História da Independência dos Estados Unidos é mostrada no filme, como já falamos aqui, glorificada, heróica, é tomada por essas críticas como fonte de inspiração, porém a questão histórica e a carga verídica da História do filme é uma questão muito contada pelos comentadores do IMDb. Afinal, filmes contém ou não verdades históricas? Para nós, todo filme é uma representação, assim como toda narrativa histórica é uma representação, mas essa questão permeou grande parte das críticas que lemos para este trabalho. Vamos destacar algumas delas:

- 28- "It's a movie, not a history lesson
5 february 2008
Author: dorotka24 from United States
I will never cease to be amazed by the criticism leveled at films for their historical inaccuracy. To this I have two suggestions: go read a history book the time and place depicted in a film or sign up for a history class! I love history, but have never watched movies to get a history lesson.
Movies exist for one reason and one reason only – to entertain. In this regard, The Patriot does a fine job. (...) Although realism is not typically a word I would choose for any film, I felt that the depiction of combat here was probably much more realistic than most such movies. Many history books will try to teach us that warfare in the 18th century was a bif of a "gentleman's" competition of sorts , where quarter was a given if asked, and honor was observed in such matters as the beginning and end of conflict, prisoner exchanges, and the like."⁵⁴
- 29- "No, it's not accurate, but...
9 june 2011
Author: Marcus Merin (mnirem) from United States

⁵⁴ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1138>. Acesso em: 22 jan. 2014.

(...) People complain that's it's not historically accurate and that it has a bias. My only response is: so? To be honest, it's a movie. It didn't pull a Human Centipede and say it was "100% accurate". The movie was just that: a movie. Yes, it was dramatized and twisted from reality, but it's not any sort of documentary. Though it starts to get absurd, that's not enough to make the movie bad. Not even close. (...) Overall, if you get bothered by historical inaccuracies, either don't watch it or remember, it's not a documentary."⁵⁵

30- "A Travesty of History
20 february 2010

Author: Andrew-Iyall from Ireland

Let us be clear about this. The burning of the church is a lie. It did not take place. The film, not the church, is the atrocity. Let us also get a few things straight about the American Revolution. It was fought on these issues. 1. The colonists refused to contribute to the cost of their own defense (and no, that is not a spelling mistake) from the French, which has been paid for in British money and the lives of her young men. 2. It was fought so that the colonialists could break out from the colonies in the East and invade Indian territory which the British Crown – George III – has designated as Native Tile. Jefferson is well-documented as have his eyes set on the West. 3. In the south it was fought to maintain slavery. Most blacks fought on the British side and for good reason. They had heard of the Case of Sommersett v Stewart in which Lord Masfield, chief justice of the King's Bench had granted habeas corpus to James Sommersett who was a slave in Virginia and had been taken to England. The Anti-Slave Trade Movement was also gaining ground in Great Britain. The film tells Americans what they want to hear. If you don't like the truth, don't make films about history."⁵⁶

31- "It's All In How You Look At It
6 july 2006

Author: shelby lang from Canada

(...) I think most people realize that a lot of the stuff in this movie was for entertainment rather than education. And come to think of it, it IS an action movie, not a historical documentary. But isn't it so much better when you can watch a movie and think „wow! This actually happened!?”⁵⁷

Por essas críticas acima podemos ver os principais argumentos dessa discussão. As duas primeiras críticas são americanas e continuam defendendo o filme dizendo que a principal função de uma obra como essas é entreter, e o filme cumpre esse propósito. Entretanto, podemos perceber um pouco mais de como esses espectadores entendem a História através desses comentários. Ambas as críticas nos dizem para procurar verdades históricas em livros e aulas de História. Esses são os lugares entendidos como acima de qualquer dúvida, consagrados como fonte de informação concreta, imparcial. Mesmo assim, a primeira das críticas transcritas aqui fala que nenhum livro consegue nos passar como é um campo de batalha em uma guerra da maneira como o filme consegue, vendo assim nele um realismo relacionado aos acontecimentos do século XVIII. Assim, mesmo não vendo o filme como tendo a obrigação de mostrar cenas de acordo com o que os livros de História dizem

⁵⁵ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1200>. Acesso em: 22 jan. 2014.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.imdb.com/user/ur9996202/comments>. Acesso em: 22 jan. 2014.

⁵⁷ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?filter=chrono;filter=chrono;start=60>. Acesso em: 22 jan. 2014.

que aconteceu durante aquele período, quando eles entendem que algo desse tipo acontece, é reconhecido e apreciado.

Os documentários ocupam um espaço especial nessas críticas, são filmes considerados não ficção, que mostram cenas não roteirizadas e entrevistas, assim, eles sim tem a responsabilidade de ser historicamente corretos, não *O Patriota*. Sendo assim, esses críticos parecem não entender que ao contar uma determinada história em um documentário requer escolhas, desde o ângulo da câmera até políticas e ideológicas.

Os outros dois comentários, nenhum americano, já criticam o filme por não tratarem a História da mesma maneira como ela está nos livros. A primeira delas vem da Irlanda, e já começa falando da cena da Igreja sendo queimada, já comentada aqui. A crítica segue apontando os “verdadeiros motivos porque ingleses e os colonos entraram em guerra”. Os motivos segundo o autor seguem uma tendência em dizer que os americanos lutaram pela independência por motivos injustos: primeiro se negando a pagar pela sua própria segurança, depois porque queriam invadir o oeste e lutar contra os índios e por último para manter a escravidão, esses dois últimos eram proibidos aos colonos pelo rei George III. Essa crítica segue a tendência de usar a História e o que é considerado verdadeiro frente às “mentiras” contadas pelo filme para limpar a imagem do Reino Unido, já que os coloca numa posição tão ruim. Essa crítica termina dizendo que o filme é feito para que os americanos vejam o que querem ver e se vão fazer um filme que não fala de verdades, então não podem fazê-lo sobre a História. Dessa maneira, como os produtores do filme dizem no capítulo anterior, mais uma vez História é vista como equivalente a verdade.

A crítica vinda do Canadá também entende que o filme tem o objetivo de entreter, por isso não acha que o que não é historicamente correto é um problema, entretanto ele conclui com a frase “Não é muito melhor quando vemos um filme e pensamos: wow! Isso realmente aconteceu!”. Novamente, mesmo quando entendem que um filme não tem a obrigação de conter fatos históricos, quando identificam nele uma História “correta”, ele é mais apreciado. Essa crítica ainda volta a falar no documentário, *O Patriota* como não sendo um, pode escapar à crítica de não ter fatos históricos.

Podemos, assim, perceber como essas críticas se relacionam com a História e o Cinema. Quando falam em História estão falando em fatos, verdades, no que realmente aconteceu. Mesmo percebendo que o filme tem uma versão diferente daquilo que eles conhecem sobre a História desse período, esses críticos acusam o filme de não serem historicamente corretos ao invés de identificar diferenças. Existem também as críticas que

defendem o filme dizendo que o único intuito de uma obra como essa é entreter e isso ele faz bem. Dessa forma, defendendo ou criticando o filme nenhum desses comentários entendem que ele é historicamente correto. Essa História verdadeira é encontrada em livros e aulas de História. Entretanto, encontramos comentários dizendo que o filme é usado em aulas como essa, como material didático. Vejamos algumas delas:

- 32- “The Patriot is not very “Patriotic”
11 february 2010
Author: wowbleck from United States
(...) What I want to begin with is the positives of the Patriot then we’ll play down the negatives. OK, there is nothing good about the movie. I cannot even begin to say how bad it was. If I were you, I would most definitely not let my students watch this or anyone excluding the people who would want to mock this film.
(...) Again, it is not very “accurate”, in fact it probably contradicts everything you have told us about the Revolutionary War. My first question is, why would they make up fictional characters when the historical figures are right there? (...) I guess it was low budget production film that is an inaccurate, shallow action flick that insults the actual events that took place.
(...) Anyway, I’m pretty sure you’re pretty tired of me droning about how horrible the film was (even though it was =)), but I mean it’s true. I find it offensive and not helpful, perhaps the only reason you would let us see it was to tell you how bad it was and compare. So yeah, salute!
Another note: This is a report to my Social Studies teacher.”⁵⁸
- 33- “My movie “review”
30 december 2007
Author: captin_bobbles from United States
I’m just going to say it this isn’t going to be about weather or not I liked the movie it’s going to be more about my reaction to what was going on when I was watching it. We were watching the film in my class (history) because we were studying the revolutionary war, and I guess the only way any of us can learn more is through television and not a book. (...)”⁵⁹
- 34- “Great movie!
30 march 2012
Author: ashleycee23 from United States
I just got through watching this movie a second time. I’ve been such a big fan since my first time watching it in high school that after watching it again I was curious to see what it’s ratings were online. (...)”⁶⁰

Esses são três depoimentos que citam o uso do filme em escolas americanas. A primeira delas é a mais emblemática de todas porque o usuário postou no IMDb o relatório do filme que escreveu para seu professor. Ele já inicia seu depoimento dizendo que se fosse ele, jamais mostraria esse filme para seus alunos, pois o filme não diz respeito com nada do que o professor ensinou sobre a Revolução Americana em suas aulas. A crítica segue apontando os erros do filme e destaca que ele não entende porque Emmerich fez uma história sobre personagens fictícios se poderia ter feito a respeito das figuras reais daquele período, ele

⁵⁸ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1175>. Acesso em: 22 jan. 2014.

⁵⁹ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?filter=chrono;filter=chrono;start=70>. Acesso em 22 jan. 2014.

⁶⁰ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1210>. Acesso em: 22 jan. 2014.

entende que isso insulta a “verdadeira História da Revolução”. A crítica termina dizendo que ele não entende o motivo que o professor mostraria esse filme para os alunos, talvez para que eles possam comparar a História do filme e a História ensinada em sala de aula.

As outras duas críticas mostram como essa prática não é rara, o filme pode parecer sem importância artística, é muito criticado pela falta de coerência com a História que aparece nos livros mas ele tem alguma relevância para ser utilizado em escolas, seja para reparar os erros históricos cometidos por ele ou mesmo como uma maneira de ilustrar esse período da História americana.

A noção histórica que predomina em todas essas críticas ainda é a tradicional, de que existe uma verdade a ser alcançada. A maioria desses críticos não a vê em *O Patriota* e por isso ele é muito criticado, mas, como vimos acima, há quem o perdoe por isso já que ele não é um documentário. Documentários são vistos como responsáveis por mostrar essa realidade, tanto como livros e aulas de História, é um dos lugares onde a verdade pode ser procurada. Filmes como *O Patriota*, uma ficção mas que tem como pano de fundo um tema histórico gera muita controvérsia por causa dessa dualidade. Há quem o vê como puro entretenimento e não se preocupa com os erros históricos, quem aponta e corrige todos os erros cometidos no filme, quem se importa com o roteiro ter escolhido não falar das figuras reais que fizeram parte do movimento independentista do século XVIII, quem procura apontar os momentos em que o filme faz jus a História dos livros, quem sente-se patriota ao ver os momentos em que Emmerich se utiliza da História para glorificar o povo americano, e quem sente-se ofendido pelos momentos em que o filme coloca os ingleses como os vilões da história. Por fim, fica claro que mesmo existindo todas essas nuances relacionadas a maneira como esses críticos vêem a História e sua relação com o Cinema, eles procuram no filme uma história considerada real, algo a identificar-se com aquilo que conhece, com aquilo que é.

Ao comentar o filme no IMDb, esses espectadores tornam-se autores, registrando sua opinião e pela veemência que os fazem, esperam influenciar outros comentadores, leitores e até mesmo os produtores do filme. O filme desperta esses sentimentos mesmo anos após sua estreia, e essas pessoas sentem a necessidade de registrar sua opinião, quase em todos os casos baseada na História, numa tentativa de fazer o filme mais próximo à aquilo que identificam como a sua História. Ao utilizarem esse espaço, para discutir História, corrigindo “erros históricos” que entendem que foram cometidos pelo filme ou até mesmo ao concordar que a História aconteceu da maneira como é mostrada ali, esses espectadores mostram que entendem que o passado se conecta com o que são hoje, a maneira como contam o passado,

como sua História é retratada, faz parte daquilo que os forma, ou então não existiria a preocupação em comentar o filme nesse esforço de retrato histórico.

Queremos, assim, neste capítulo, chamar a atenção para esses novos espaços virtuais, não escolares, não acadêmicos, e mostrar como uma discussão histórica articulada está presente, com argumentos concisos, relacionando passado e presente e identificando-se com aquilo que se fala. É necessário que o olhar do historiador se volte cada vez mais para esses lugares virtuais de opinião, já que hoje é ali que se forjam os grandes debates atuais e a capacidade de que pessoas comuns se transformem em autores graças à facilidade de produção (o conforto do lar, ou o local de trabalho), a liberdade de expressão, no sentido de que esses autores podem escolher o anonimato de um codinome, e a publicação instantânea desses textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Patriota é um filme sobre um homem que vai à guerra de Independência dos Estados Unidos para defender sua família de um soldado inglês que quer destruí-la. Apesar de ser uma história fictícia, ela tem como pano de fundo um evento histórico real e personagens inspirados em figuras reais que lutaram na guerra. Esse jogo entre o real e o fictício parece tirar a liberdade dos autores da obra de criar uma história sem bases no que está escrito nos manuais históricos tradicionais, até mesmo para os próprios autores do filme já que em entrevistas justificam cenas mostrando que foi da maneira que “realmente aconteceu”, trazendo especialistas para falar que o filme está “corretamente histórico”, procurando legitimar a História que aparece no filme.

Essas entrevistas, das quais comentamos no Capítulo I, revelam a noção histórica presente nesse filme, aquela tradicional que exige uma verificação da narrativa através de livros, museus e a fala de um historiador. Esses são os lugares oficiais da História, segundo os produtores de *O Patriota*. Essa preocupação mostra que História aqui é equivalente a uma verdade acontecida no passado.

Quando recorremos ao IMDb para entender como os espectadores do filme percebem esse jogo entre real e ficção vários aspectos apareceram, mas entre eles todos também entendem a história como verdade e defendem veemente sua versão dela, entretanto sem entender que existem diversas versões de uma história, mesmo sendo apresentados à elas. Fica claro que essa visão tradicional ainda prevalece na mentalidade coletiva desses espectadores e também de quem produz o filme.

Como o filme trata de dois países, duas identidades nacionais de maneira forte: os Estados Unidos sendo apresentado de maneira gloriosa, lutando com habilidade para conquistar sua merecida independência contra o Reino Unido, que utiliza de muita crueldade para impedi-los; as críticas mais apaixonadas que encontramos vem, justamente, desses dois lugares. A princípio, nosso objetivo neste trabalho foi procurar identificar os nacionalismos presentes nesses depoimentos. Ao analisar as críticas presentes no IMDb, destacamos as críticas que vinham dos britânicos das críticas escritas por americanos, identificando os discursos que se repetiam para procurar os símbolos patrióticos.

Nesse exercício percebemos que ingleses sentiram a necessidade de “defender” a honra do país e para isso muitas vezes utilizaram a História. Ao falar que a Inglaterra libertou os escravos décadas antes dos Estados Unidos, ou que os americanos lutaram pela independência por motivos considerados injustos, para invadir o oeste, manter a escravidão e não querer pagar pelas taxas da sua própria segurança, o uso da História é feito no sentido de se transformarem nos “*good guys*”, contra um filme que fez de tudo para que o povo inglês parecesse o contrário. Aqui aparece um nacionalismo que se monta contra o outro, a noção de ser melhor porque o outro é pior. Aqui, os britânicos fazem isso ao se sentirem atacados primeiro pelo filme. Ao destacarem a cena em que Tavington manda queimar a igreja cheia de pessoas dentro como um ato cometido pelos nazistas e não por soldados ingleses do século XVIII, novamente a História é utilizada para limpar a honra da História britânica, agora em detrimento da história alemã, sendo o próprio diretor do filme, um alemão. Tavington, inspirado por Banastre Tarleton, também teve sua História revista pelas críticas, já que os ingleses os viam de maneira completamente diferente da visão retratada em *O Patriota*. Aqui pudemos perceber que duas versões historiográficas distintas foram feitas em torno dessa figura, por isso a estranheza dos britânicos em vê-lo como um homem cruel e sanguinário.

Já ao analisarmos as críticas americanas, percebemos que algumas dela concordavam com os argumentos britânicos a respeito do filme, especialmente ao apontar a maneira como o filme retrata os ingleses. Esse certo exagero cometido pelo filme, causa em alguns espectadores, uma certa vergonha em ser americano, de pertencerem a um país que é capaz de produzir um filme que retrata o outro de maneira considerada tão deturpada e cruel, e o faz para glorificar sua própria História.

Entretanto, a maioria dos comentários vindos de americanos gostam de como o filme conta sua Guerra de independência. Identificamos alguns símbolos clássicos de nacionalismo nessas críticas como a bandeira americana, uniformes de guerra, a língua inglesa americana e o 4 de julho, dia em que os Estados Unidos comemoram sua independência. Percebemos que o filme causou nessas pessoas uma aclamação ao redor desses símbolos, despertando novos sentimentos ao pensa-los. A partir do momento que um filme causa esse impacto nos espectadores, provocando um sentimento que identifica esses símbolos, provoca um certo orgulho em ser americano, pertencer a esse país, o próprio filme torna-se um símbolo de nacionalismo.

Ao começar a analisar essas críticas em busca dos nacionalismos presentes nelas e identificando os aspectos falados acima, percebemos que as críticas falam mais que sobre o nacionalismo: elas falavam sobre a relação que espectadores de “filmes históricos” estabelecem com a História e o Cinema. Quando os britânicos utilizaram fatos históricos para defender a honra de seu país, eles estavam defendendo a honra de sua História. Os americanos que sentem-se orgulhosos de serem americanos ao verem o filme, mas sentem-se orgulhosos por verem sua História contada de maneira tão gloriosa, vendo seus antepassados vencendo um exército tão cruel e poderoso mesmo com poucos recursos.

Quando passamos a nos atentar para essas novas relações nas críticas que encontramos no IMDb, percebemos que a grande característica comuns dessas críticas eram citar versões históricas que entendiam corretas, verdadeiras, que se identificavam. Os comentários dos filmes giravam em torno de defender uma versão histórica que ora se mostrava parecida com a do filme, ora contrária a ele. Esses autores defendem veemente uma verdade sua, daquilo que conhecem como certo, mostrando assim uma visão histórica extremamente arraigada, tradicional, baseada em fatos encontrados em livros também tradicionais.

Existe nesses depoimentos uma relação entre passado e presente muito próxima. Essas pessoas sentiram a necessidade de registrar nesse site suas opiniões a respeito da maneira como um filme conta sua história baseada na História. Ao sentirem-se, muitas vezes, pessoalmente ofendidos ou pessoalmente orgulhosos ao assistirem o filme, mostram como o ato desses homens do passado se dirige diretamente ao que são hoje, ao mundo que pertencem, mas mais que isso, a maneira como é representado esse seu universo baseado na representação da sua História. Quando ingleses se enfurecem ao verem a maneira como Tavington é representado no filme, eles estão dizendo que não são filhos de atos cruéis, portanto também não são capazes de cometer tais crueldades. Já quando americanos se orgulham por fazerem parte de uma nação que teve um nascimento tão glorioso, sentem-se ainda gloriosos e capazes de conquistar ainda mais.

Essa visão histórica presente no filme é a mesma que podemos perceber na fala dos produtores. Nas entrevistas concedidas por eles e pelos roteiristas, eles dizem da cautela que tiveram ao pesquisar os costumes da época e incluir nas filmagens mesmo se tratando de uma história fictícia. Ficou claro neste exercício de análise, tanto no filme quanto nas críticas sobre ele, a cobrança exigida de filmes ditos históricos em ter um roteiro que coincida com a

História contada nos manuais tradicionais. Mesmo quando algumas críticas citam o tipo de filme documentário, que em teoria seria um filme sem roteiros, que trata de temas reais, uma não-ficção, dizendo que por não se tratar de um documentário, *O Patriota* não teria a obrigação em retratar verdades históricas, quando elas identificam que o filme transmite uma História que conhecem como verdadeira, o filme é elogiado por isso.

Esses comentadores parecem não entender a noção de História versão. Mesmo sendo apresentados por diversas versões dessa História, a Independência dos Estados Unidos da América, já que o filme retrata uma delas e cada crítico apresenta uma visão diferente, eles não percebem que versões da mesma História coexistem, mas cada um defende o que considera a mais correta, gostando ou não do filme.

Entretanto, a maior conclusão que podemos tirar desse trabalho é a necessidade de olhar para esses novos espaços virtuais de opinião. Quando em 1977 Marc Ferro precisou escrever uma apologia sobre a relação entre Cinema e História, agora queremos fazer uma apologia sobre a relação entre a História e a Internet. Sendo a História considerada o estudo dos homens ao longo do tempo e a internet sendo a maior ferramenta em uso pelos homens de nosso tempo, é fundamental olharmos com olhos de historiadores para o que está acontecendo nela.

Como podemos ver durante a mostra e análise das críticas que encontramos sobre *O Patriota* no IMDb, lá está sendo discutido História e com muita propriedade. Apesar de considerarmos a versão histórica apresentada nas críticas um pouco ultrapassada, aquelas pessoas estavam discutindo História em um ambiente não escolar, não acadêmico, através de um filme considerado sem valor artístico. Assim, é mesmo um lugar para onde o olhar do historiador raramente vai se orientar, entretanto isso precisa ser mudado. Como mostramos aqui, o material que encontramos nesse espaço é riquíssimo em termos de análise e nos diz muito dos dois povos que resolvemos entender dentro de nossas questões.

É no espaço virtual que acontece, hoje, os grandes debates, e como está tudo registrado, ele torna-se um grande arquivo para o historiador. Assim, cada vez mais pesquisas devem surgir nesse meio, esse trabalho foi um exemplo de um exercício disso. Nesses espaços destinados a opinião dos internautas podemos estudar a recepção das pessoas dos mais variados temas, colocando em evidência a História do homem comum, que Jacques Le Goff chamou atenção em Documento/Monumento, como mostramos no primeiro capítulo aqui. No

espaço virtual, esses “homens comuns” compartilham conhecimento e produzem material histórico deles próprios, o que a grande mídia raramente o faz. Assim, finalizamos chamando a atenção para esse espaço e as grandes possibilidades do saber histórico ali.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BREEN, T. H. **Interpretando o nacionalismo no novo mundo**. In: PAMPLONA, M. A. & DOYLE, D. H. **Nacionalismo no Novo Mundo: a formação dos Estados – Nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CAPELATO, M. H. (Org.). **História e cinema**. São Paulo: Alameda, 2007.

COUSIN, M. **História do Cinema: dos clássicos mudos ao cinema moderno**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2013.

FERRO, M. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, M. **Sombras esculpindo o Passado: Métodos e alguns lapsos de memória no estudo das relações do cinema com a História**. In: Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 16, n. 9/10, set/out 2006.

GREENE, J. P. **Identidades dos estados e identidade nacional à época da evolução Americana**. In: PAMPLONA, M. A. & DOYLE, D. H. **Nacionalismo no Novo Mundo: a formação dos Estados-Nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

KARNAL, L. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora: Contexto, 2007.

KORNIS, M. A. **História e Cinema: um debate metodológico**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 237-250. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940/1079>.

LAGNY, M. **História e cinema**. IN: GARDIES, R. (Org.) **Compreender o Cinema e as Imagens**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2007.

LE GOFF, J. **Documento/Monumento**. In: História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, R. L. **Cinema e Historiografia: o atual debate sobre a Independência Norte-Americana**. In: XXVI Simpósio Nacional de História. 2007; São Leopoldo. Associação Nacional de História – ANPUH. 2007.

ROXO, E. S. **E.U.A. e Hollywood: o desejo da projecção global**. Dissertação de Mestrado em Estudos Americanos apresentada à Universidade Aberta: Lisboa, 2006. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/532>.

SILVA, Marcos (Org.). **Clarões da tela: o cinema dentro de nós**. EDUFRN: Natal, 2006.

SILVA, P. A. **Cinema e História: o imaginário norte-americano através de Hollywood**. In: Revista Cantareira. Rio de Janeiro. V. 1, n. 5, ano 2, abr/ago 2004.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Cinema:** revelação e engano. In: NOVAES, A. (Org.). **O Olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ (Org.). **A experiência do cinema:** Antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FONTES:**Filme:**

O PATRIOTA. Direção: Rolland Emerich. Estados Unidos da América: Columbia Pictures, 2000. 1 filme (165 min), son., color.

Lista de links das críticas no site IMDb:

Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1055>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1165>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1070>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1190>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1182>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-148>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1167>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1124>.
 Disponível em: http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?ref_=tt_urv.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1174>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1164>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1079>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1082>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-211>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1185>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1216>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1213>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/user/ur0465268/comments>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1158>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews?start=40>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1213>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1138>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1200>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/user/ur9996202/comments>.
 Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1175>.

Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0187393/reviews-1210>.

ANEXO

Tradução das críticas de *O Patriota* no site IMDb.

1 - “Velhos mitos de Hollywood espalhados novamente

26 de fevereiro de 2006

Autor: paul-2011 do Reino Unido

A maior frustração nesse filme é a forma como é deturpada a natureza da guerra e dos governantes britânicos dos quais os patriotas “se libertaram”.

(...) O segundo mito é a natureza da classe governante dos britânicos daquela época. Somos apresentados ao vilão principal que é uma ligeira representação disfarçada de Banastre Tarleton, um dos comandantes mais eficazes em ambos lados. Ele é caracterizado como um Edwardian toff com sotaque de Oscar Wild e ares de um príncipe sanguinário. De fato, Tarleton foi criado em uma família de classe média de Liverpool. Naquela época Liverpool era muito mais semelhante a Chicago de 1800 do que os frondosos condados da Inglaterra hollywoodiana com casas de campo, nobres, empregadas e fiéis servos da família.

Os Tarletons e outros como eles ficaram muito “americanos” em sua busca agressiva por riqueza, a qual eles usaram depois para adquirir altas posições na sociedade. O jovem Banastre não conseguiu sua comissão no exército através da nobreza de sua árvore genealógica. Foi adquirido com dinheiro suado da família através do comércio marítimo. Ter alcançado relativamente um alto posto com pouca idade foi uma condecoração em reconhecimento a sua habilidade demonstrada no campo de batalha.

(...) Quanto a crueldade atribuída a Tarleton claramente aplicada por seu representante no filme, pode haver alguma verdade por ele ter matado tropas que haviam se rendido. Isso acontece na guerra. Mas existe pouca evidência sobre uma política homicida de sua parte. Entretanto, sua habilidade em obter vitória mesmo em desvantagem era sem dúvida um problema para o inimigo. Certamente que amplificar sua reputação de impiedoso foi uma útil propaganda americana para convencer suas tropas nitidamente frágeis de que se render em bandos não iria necessariamente salvá-los da fúria do “Carniceiro” e de seus casacas vermelhos. Foi dito a eles que era um caso de fuga ou morte. (...) Mais tarde, essa reputação não o seguiria até em casa aonde ele retornou e foi eleito para representar Liverpool no Parlamento por muitos anos antes de uma honorável aposentadoria em Shropshire.”

2- “Um filme de ação fracassado que distorce a história de cada maneira possível...

29 de abril de 2009

(...) Outra cena que eu odeio é quando Tavington mata um inocente sem motivo. Na vida real Tavington é baseado no Coronel Banastre Tarleton, um excelente comandante britânico da cavalaria. Ele era um excelente general, e não um assassino frio, e provavelmente ele nunca atirou em um civil inocente a sangue frio. Em suma, esse filme é simplesmente terrível. O fato de ser tão impreciso historicamente estraga o filme todo.”

3- “Vida longa a Banastre Tarleton

9 de maio de 2006

Autor: Jmhl3 de Glasgow, Escócia

Por favor, se você não assistiu essa tentativa enganosa de Hollywood da Revolução Americana, então evite.

O personagem do Coronel Tavington faz um vilão retirado das tropas britânicas, Major-General Sir Banastre Tarleton. Um homem que liderou uma corajosa força de legalistas contra os rebeldes. Podem se gabar o tanto que tiverem vontade mas o número de Legalistas comparado a Rebeldes é muito maior. Vocês podem falar o que quiserem sobre “O Massacre de Waxhaw” mas o fato de que um rebelde atirou no cavalo de Tarleton permanece, e suas tropas tiveram o direito de abrir fogo no calor do momento temendo serem alvejados.

(...) Outra coisa, parem de nos chamar de “Ingleses”. NÓS SOMOS Britânicos. Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda do Norte, até mesmo alguns cidadãos de Gibraltar se consideram britânicos. É o que nós somos. Eu não estou dizendo para jamais chamarem um escocês de inglês. Meus amigos ficaram indignados nesse ponto.

Eu não estou transformando isso em um discurso anti-americano. Pelo contrário, América é uma ótima nação com muito para oferecer, apenas que Hollywood está educando os americanos para o pior sobre o resto do mundo.”

4- “Não é o verdadeiro Raposa do Pântano

12 de dezembro de 2010

Autor: bkoganbing, Buffalo, Nova York

(...) Jason Isaacs interpreta o personagem Tavington/Tarleton e ele consegue ser tão sujo e notável como Banastre Tarleton era na vida real. O sujeito apreciava a guerra e a matança e acreditava em combater os rebeldes que iam contra Sua Majestade. A frase “O Piedoso Tarleton”, surgiu depois que ele massacrou algumas tropas de colonos que haviam se entregado. Ele era bem impressionante com esses tipos de atrocidades, o governador Thomas Jefferson da Virgínia fugiu sem dignidade alguma quando ficou sabendo que as tropas de Tarleton estavam a alguns minutos de Monticello. Ele sabia exatamente o que o autor da Declaração da Independência receberia nas mãos dele.

Teria sido poético e legal se ele tivesse encontrado seu fim durante a Guerra da Revolução, porém Tarleton voltou para o Reino Unido e tomou parte no Parlamento aonde foi um notório defensor da escravidão e interesses escravistas.”

5- “História e ficção: Mira bem em detalhes e não erra

2 de maio de 2010

Scriptorius, Estados Unidos

(...) O filme é preciso em pequenos detalhes da história e alcança seu objetivo. (...) O grande vilão do filme, o ambicioso e implacável Coronel Tavington é representado esplendidamente por John Isaacs. O personagem de Tavington é vagamente baseado no histórico oficial britânico Cel Banastre Tarleton. O verdadeiro Tarleton era melhor amigo de infância de Henry Mouzon. Em 7 de agosto de 1780, Tarleton incendiou a casa de Mouzon. Aparentemente Tarleton gostava de queimar coisas. Este site mostra o ponto histórico da igreja incendiada pelos britânicos por ordem de Tarleton: <http://www.hmdb.org/marker.asp?maker=27903>. Então sim, a guerra tirou o pior do coração de Tarleton.”

6- “Um filme divertido, mas não uma lição de história

4 de julho de 2000

Autor: A2Z, Long Beach, CA

(...) O vilão do filme Ten. Cel. Tavington, que é ligeiramente inspirado no Ten. Cel. Banastre Tarleton não está tão longe da verdade, embora esteja um pouco exagerado.

Foi durante a retirada de Waxhaw que Tarleton viria a simbolizar a crueldade britânica na Guerra Revolucionária. Tarleton foi visto como um “carniceiro” quando forças americanas lideradas pelo Cel. Abraham Buford abaixaram suas armas em uma tentativa de se renderem, mas ainda sim os britânicos continuaram o seu ataque. Dali em diante sua reputação cresceu e “O Piedoso Tarleton”, na verdade significava “impiedoso”.

Como tradição, após a rendição em Yorktown, oficiais americanos receberam o derrotado Cornwallis e outros oficiais britânicos a mesa. Mas nenhum americano convidou Tarleton, ninguém comeria ao seu lado. Tarleton perguntou se a omissão havia sido acidental, e lhe foi dito que não, devido suas atrocidades passadas.

Tarleton teve uma longa vida, se desculpando de suas ações na guerra – incêndios de casas, destruição de colheitas, como o fim justifica os meios. Ele também jamais admitiria qualquer culpa sobre Cowpens, dizendo que estava “em menor número” e que recebeu assistência inadequada de Cornwallis. Ele pensaria, “como um evento surpresa” poderia “aterrorizar os mais disciplinados soldados.”

7- “Poderia ter sido tão lindo

16 de junho de 2009

Autor: chucknorrisrules do Reino Unido

(...) Meu maior problema (como era de se esperar), é que os britânicos são retratados ridiculamente como nazistas do século XVIII. Está certo que o Império Britânico nem sempre foi tão legal, tendo que carregar várias atrocidades, mas nenhum dos lados foi pior que o outro durante a guerra revolucionária. Entretanto, aqui os britânicos atiravam em soldados feridos, queimavam casas, matavam pessoas ao ponto de prendê-las em uma igreja e incendiá-la, o que é perturbador considerando que o diretor (alemão) está copiando atrocidades que a SS cometeu na segunda guerra mundial (caso que corresponde ao massacre de 1944 Oradour-Sur-Glâne em uma igreja), fazendo as pessoas acreditarem que nós britânicos realmente fizemos isso durante a guerra.”

8- “Ultra terrível

9 de abril de 2009

Autor: freemantle_uk do Reino Unido

(...) Esse filme é realmente terrível. Eu odeio erros históricos em um filme e assim como Coração Valente, O Patriota paga mico. Os britânicos nunca lançaram uma massiva campanha de terror contra os civis, deixando uma igreja queimar junto de todo um povoado. Aquilo foi baseado em um ataque da Waffen SS na França e não na América do século XVIII.”

9- “Isso NÃO é um filme americano!!!

6 de agosto de 2007

Autor: gatsby06 dos Estados Unidos

(...) Os soldados britânicos são mostrados como versões de tropas nazistas do século XVIII, e Jason Isaacs interpreta um fictício Cel. William Tavington como um sádico descontrolado que mata, queima e saqueia apenas por diversão.

O ponto alto do filme é quando Tavington tranca o povo da vila em uma igreja, após delatarem um compatriota, contando a ele o que ele queria, Tavington queima a vila inteira, matando mulheres, homens e crianças.

Eu conheço um pouco sobre a história da Revolução e eu nunca escutei nada a respeito disso. Aparentemente é baseado em um crime de guerra nazista, e não em algo que os britânicos fizeram. O filme é dirigido por um alemão, Roland Emmerich, o que talvez nos diz algo.”

10- “Heróis e Vilões

9 de março de 2007

Autor: James Hitichcock de Tunbridge Wells, Inglaterra

(...) A intenção original era fazer um filme sobre Francis Marion, um personagem da vida real. Infelizmente Marion, apesar de ser indiscutivelmente um corajoso e habilidoso líder guerrilheiro, era também um proprietário de escravos (assim como qualquer dono de terras de valor teria sido na Carolina do Sul de 1770) e sendo assim não era digno de ser um herói de um filme blockbuster moderno. (...) A questão da escravidão poderia ter sido evitada mudando a ação para, digamos, Nova Inglaterra, mas ao invés disso o filme nos dá uma visão totalmente irreal das relações raciais daquela época. Os trabalhadores negros da propriedade de Martin são todos homens livres, negros e brancos vivem juntos em harmonia, com soldados dispostos a lutarem ao lado dos brancos no Exército Continental.

(...) (Aliás, um dos motivos de tantos sulistas terem apoiado os revolucionários foi por causa que a escravidão havia sido declarada ilegal na Grã Bretanha em 1771 e eles temiam que o Parlamento Britânico iria eventualmente banir a escravidão nas colônias. É evidente que não há nenhuma menção sobre essa atitude no filme. (...)).”

11- “Praticamente ruim demais pra se divertir, mas deixa um gosto ruim na boca

28 de janeiro de 2010

Autor: Theo Robertson de Ilha de Bute, Escócia

(...) Nessa versão da América todos vivem em uma utopia igualitária multiétnica, aonde todos os homens são iguais perante a Deus. Não só os negros não eram escravizados como se olhar atentamente você pode ver de vez em quando um rosto negro andando pelas ruas livremente. Dá pra entender quanta raiva Spike Lee sente pelo filme e porque tem falado tanto sobre isso, é ridiculamente hilário a forma como o filme gira ao redor de tanta igualdade permitida aos afro-americanos do final de 1700. É quase como assistir uma versão de A LISTA DE SCHINDLER aonde ninguém é assassinado por ser judeu. Só pra constar, a Grã Bretanha aboliu a escravidão em 1807 enquanto que os americanos levariam décadas mais tarde para fazer isso.”

12- “Ultra terrível

9 abril de 2009

Autor: freemantle_uk do Reino Unido

O que o Mel Gibson tem contra os ingleses? Ele fez o péssimo Coração Valente e acaba fazendo esse lixo que é como um Coração Valente 2 em tudo exceto pelo nome. O que Hollywood tem contra os britânicos? Não é como se tivéssemos sido o maior aliado dos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial e recentemente em um levantamento da CNN 90% dos americanos tivessem uma opinião favorável sobre a Grã Bretanha. (...) Filmes como esse precisam parar de serem feitos.”

13- “História terrível, meio que um filme de ação estúpido OK – Conan o Patriota

25 de julho de 2006

Autor: ntsci do Canadá

Como alguém de ascendência britânica, eu me sinto muito ofendido por esse filme... (...) Pelo visto Mel Gibson pensa que nós ingleses somos nazistas. (...) Mel, que tal fazer um filme sobre a revolução em que ambos americanos e britânicos possam assistir, se divertir e pensar: esse é um bom filme. Mel escolheu difamar os britânicos para vender ingresso.”

14- “De um Australiano: Mel “Eu odeio Ingleses” Gibson.

15 de agosto de 2006

Autor: pdvincit da Carolina do Sul, EUA

Isto é sem dúvida mais asneira chauvinista difundida. Mas não pela América! Por um australiano: Mel “Eu odeio os Ingleses” Gibson.

(...) Depois de “Coração Valente” e isto, o próximo filme irá estrear Mel como um general bôer contra os terríveis britânicos, ou como Gandhi contra os terríveis britânicos, ou talvez como de Valera contra os terríveis britânicos, ou talvez Menachem Begin contra os terríveis britânicos – ad nauseum!”

15- “Não vale a pena

5 de julho de 2000

Autor: teresahill de Boston

(...) Manipular uma audiência com táticas baixas como essas são desculpas por não conseguir fazer um enredo de verdade.

A maior parte das cenas sádicas na segunda metade do filme poderiam ter sido editadas e teria sido um filme mais apropriado.

Mesmo sem os desnecessários e contínuos massacres aos civis , nós ainda teríamos torcido pelos americanos. Nos dê algum crédito.”

16- “Este filme é uma propaganda

8 de junho de 2008

Autor: merils dos Estados Unidos

(...) É uma total propaganda para os novos conservadores que tentam passar essa coisa por patriotismo e algum tipo de ideia nojenta de “liberdade”. Esse tipo de merda faz lavagem cerebral em nossas crianças fazendo-as acreditarem que está tudo bem em torturar terroristas porque eles são os “outros”. (...) Vamos todos apenas juntar nossas bandeiras americanas e matar 20 britânicos porque eles mataram um americano. Porque todos nós sabemos que vidas americanas valem muito mais do que qualquer outra no mundo inteiro.”

17- “Estúpido, estúpido, estúpido – Por favor me digam que esse filme não representa o patriotismo americano

14 de julho de 2010

Autor: brocksilvey dos Estados Unidos

(...) O filme coloca no meio um vilão tão ridículo que nós torcemos para o protagonista por falta de opção, embora os motivos de ambos sejam igualmente sádicos. E o fato de que essa história é vendida como um tributo patriótico para a América apenas aumentam suas qualidades repugnantes.”

18- “Alerta às revolucionárias críticas britânicas

8 de novembro de 2012

Joshua Michael Riley

Este é sem dúvida um filme maravilhoso de partir o coração maravilhoso. Eu sou americano. E sim, esse filme aperta meu coração profundamente. Eu tenho lido críticas como essa por anos sem nunca ter dito uma palavra... Mas agora é minha vez. Filmes Acomo esse e Coração Valente são os principais alvos. As críticas geralmente me desapontam e não me enojam, apesar de ver um padrão comum. Cada crítica que me perturba é produto de algum britânico amargo e perdedor por natureza. (...) Esse filme foi feito para apelar para as massas, pois fornecem o maior lucro para aqueles envolvidos na produção. E adivinhe, a fonte principal de lucro, as massas, vem dos Estados Unidos da América. Porque adivinhe? É aonde o dinheiro está. De fato, neste filme os britânicos são colocados como os caras maus adivinhe porque, a maioria dos espectadores desse filme são chamados de americanos. Então, por favor nos perdoe por criarmos um filme fictício de Hollywood mostrando o nosso país como os “caras bons”. (...) Se a Grã Bretanha criasse um filme tão fabuloso retratando nós como os caras maus, provavelmente bateríamos palmas e nos divertiríamos, porque temos a coragem de respeitar o ponto de vista alheio e apreciar o filme. (...) E sim, faz com que nós nos sintamos bem com a nossa história porque... é isso mesmo... Nossos audaciosos e rebeldes ancestrais deram uma surra em vocês britânicos na guerra da revolução. E falem quanta besteira quiserem, mas nós ainda somos os vitoriosos! A maioria dos nossos estados são maiores que o seu país inteiro e nós temos 50! Sacaram, britânicos? (...) Esqueçam seu orgulho nacional e assistam ao filme como um espectador imparcial. Se a história não toca seus corações então vocês não merecem ter um.”

19- “Ótimo filme patriótico...

29 de junho de 2000

Autor: regniers-2

Eu achei O Patriota um filme muito empolgante e tocante... (...) Eu notei que o verdadeiro rancor direcionado a esse filme vem de pessoas que sentem que essa é uma história revisionista. Como americano, eu

percebo que os vencedores das guerras distorcem parte dos fatos e personagens a seu favor (isso inclui os ingleses, os franceses, os alemães... isso não é culpa meramente dos americanos). Eu não vou dizer que se você odiou esse filme você está errado porque você não é patriota, ou anti-americano, mas por favor tenha algum respeito pelos dois lados deste grande conflito.”

20- “Deixará você orgulhoso de ser americano

4 de julho de 2012

Autor: zeeboe82 dos Estados Unidos

(...) Durante a Revolução Americana, baseado em meus estudos (embora eu não esteja 100% certo) é provável que todo mundo (incluindo americanos) falava com um sotaque inglês, e certamente nem sequer soava como o sotaque inglês de hoje em dia. Entretanto, de um ponto de vista divertido, em minha opinião, eu gosto do fato de que em “O Patriota” os personagens americanos falam com um sotaque americano e os personagens ingleses falam com um sotaque inglês. As razões são:

Primeiro – Sendo um americano, faz com que eu me identifique mais com os personagens americanos quando eu ouço o sotaque deles.

Segundo – Por causa da diferença nos sotaques entre personagens americanos e ingleses, cria-se um choque de culturas maior, acrescentando tensão e deixando tudo mais divertido. Todas as guerras possuem uma postura de “nós contra eles”, e se os sotaques fossem exatamente os mesmos em “O Patriota”, eu me pergunto se aquela tensão e clara distinção entre os dois países estaria lá. Simplesmente torna o filme mais divertido ao ter sotaques diferentes.”

21- “Absolutamente PERFEITO!!!!

30 de junho de 2000

Autor: William Wallace de Nashville, TN

(...) Você se preocupa com os personagens principais como em nenhum outro filme recente! As cenas de batalhas, especialmente a que Mel Gibson corre com a bandeira americana, é como se cada quadro por segundo fosse tirado de uma pintura de uma galeria de arte! É disso do que se trata quando se fala em vivenciar um filme.”

22- “Muito bem feito

29 de outubro de 2008

Autor: evanmathews53 de Knoxville, TN

(...) O filme prendeu minha atenção. Nunca era tedioso ou devagar. Os cenários eram incríveis e frequentemente eu sentia que eu estava no meio do campo de batalha. Eu adorei as cores reluzentes, os canhões flamejantes, as bandeiras coloniais balançando, as colunas de soldados britânicos vestidos com seus melhores e mais brilhantes uniformes e o conjunto de mulheres e crianças que eram peças coloridas da América colonial.”

23- “Eu gosto – veja abaixo

2 de abril de 2008

Autor: cleverfox dos Estados Unidos

Acabei de assistir esse filme pela 20ª vez (...). Sim, a descrição da Guerra Revolucionária NÃO foi 100% precisa, mas nunca foi essa a intenção; apenas um drama contextualizado no cenário de uma guerra, e foi agradável ver a guerra como pano de fundo, no qual sangue americano é derramado em solo americano, como foi na Guerra da Revolução e não em outro filme da Guerra Civil; aliás a Guerra Civil foi ilustrada tantas vezes em filmes na última metade do século que foi simplesmente animador ver uma guerra diferente...”

24- “Orgulhoso de Ser um Americano

15 de maio de 2001

Autor: Cal Nguyen (CALINZ) de San Jose, CA

Esse filme me deixa orgulhoso de ser americano, onde a liberdade é defendida por nossos homens e mulheres de uniforme, contudo os cidadãos lutariam orgulhosamente contra uma invasão em uma guerra se assim precisássemos.”

25- “Um maravilhoso presente de aniversário

28 de junho de 2000

Autor: Eagle-13 de Charleston, CS

Eu e alguns outros cidadãos de Charleston assistimos a esse filme nesta noite pela primeira vez.

Ficamos atraídos por ele, talvez por ter sido filmado na região, talvez porque era sobre a Carolina do Sul (...). Mais que maravilha esse filme é! Sim, tem violência e até mesmo alguns termos que não são

“populares” ou “politicamente corretos” (...) mas esse filme é fabulosamente americano – descrevendo a rebeldia americana, a criatividade americana, e a busca americana por liberdade.

Mais que belo presente de aniversário para o nosso país. Assistam. Vocês não vão se arrepender, e talvez vocês até sintam uma batidinha em seus corações na próxima vez que olharem para a nossa bandeira.”

26- “Vai te deixar orgulhoso de ser americano

4 de julho de 2012

Autor: zeeboe82 dos Estados Unidos

(...) Eu acho que entusiastas da história vão gostar desse filme, assim como qualquer um que esteja procurando por um bom filme para assistir no feriado de 4 de julho. (...) Como um todo, “O Patriota” é um ótimo e divertido filme que contém beleza, emoção, romance, ação, e drama que não só irá lhe entreter, mas lhe ensinar bastante sobre a história da América de antigamente. O filme possui uma bela trilha sonora, é um bom filme para assistir em qualquer época do ano, porém é extra divertido assistir por volta de 4 de julho. Deixará o feriado duas vezes mais divertido se você tiver um filme legal sobre a Revolução Americana para assistir. Depois de nadar e aproveitar o churrasco o dia todo com sua família no feriado de 4 de julho, este é um excelente filme para colocar e assistir com eles a noite. Vai te deixar orgulhoso de ser americano.”

27- “Uma perspectiva histórica essencial da guerra que assegurou a independência das 13 colônias

10 de setembro de 2009

Autor: Robert F. Dale dos Estados Unidos

Durante a celebração do 4 de julho de 2007, nós decidimos assistir esse filme para colocar o nascimento da nossa nação em perspectiva. Nós havíamos acabado de completar uma viagem pelo sudeste dos Estados Unidos para visitar nosso estado natal da Flórida, e depois dirigimos através do Alabama, ficamos por alguns dias com a família em Fayetteville, Georgia, depois em Tennessee, Carolina do Norte, Virgínia, Virgínia Ocidental, Washington DC, Carolina do Sul e de novo pela Georgia, finalmente chegando em casa em segurança, Miami Lakes, Flórida. Durante a nossa viagem nós visitamos memoriais, monumentos, e locais históricos que nos inspiraram a tomar um tempo para analisar os patriotas que abandonaram o nosso estilo de vida (...) Enquanto assistíamos ao filme (...) nós percebemos que a nossa nação foi formada por homens dispostos e capazes de sacrificar tudo por um novo modo de vida... pela dádiva que significa viver nossas vidas guiadas pelo precioso documento simbolizado pela nossa Constituição, e com a fantástica responsabilidade de fazer o que for preciso para garantir que os EUA permaneçam... livres da tirania! Um filme obrigatório!!!”

28- “É um filme e não uma lição de história

5 de fevereiro de 2008

Autor: dorotka24 dos Estados Unidos

Eu nunca vou parar de me espantar com a qualidade crítica dos filmes devido suas infidelidades históricas. Para isto eu tenho duas sugestões: vá ler um livro da época e local descrito no filme ou se inscreva em uma aula de história! Eu adoro história, mas nunca assisti filmes para ter uma lição de história.

Filmes existem por um motivo e um motivo apenas – para entreter. A este respeito, O Patriota faz um bom serviço. (...) Embora realismo não seja uma típica palavra que eu escolheria para qualquer filme, eu achei que a retratação do combate aqui foi provavelmente muito mais realista do que em muitos filmes. Vários livros de história vão tentar nos ensinar que guerras no século XVIII eram meio que uma espécie de competição entre “cavalheiros”, aonde piedade era concedida se fosse pedido, e honra era observada em questões como no começo e final de um conflito, troca de prisioneiros e coisas do tipo.”

29- “Não, não é fiel, mas...

9 de junho de 2011

Autor: Marcus Merin (mniem) dos Estados Unidos

(...) O povo reclama que é historicamente infiel e tendencioso. Minha única resposta é: e daí? Pra ser honesto, é um filme. Não fizeram uma Centopeia Humana e disseram que era “100% precisa”. O filme é apenas isso: um filme. Sim, foi dramatizado e distorcido da realidade, pois não é nenhum tipo de documentário. Embora comece a ficar absurdo, isso não é o bastante para o filme ser ruim. Nem chega perto. (...) Em geral, se você fica incomodado com infidelidades históricas, não assista ou lembre-se, não é um documentário.”

30- “Uma caricatura da História

20 de fevereiro de 2010

Autor: Andrew-lyall da Irlanda

Vamos ser claros. O incêndio da igreja é uma mentira. Isso não aconteceu. A atrocidade é o filme e não a igreja. Vamos esclarecer algumas coisas sobre a Revolução Americana. Ela aconteceu nesses termos. 1. Os

colonos se recusaram a contribuir para o custo da própria defesa (e não, não é um erro de ortografia) contra os franceses, que foi paga com o dinheiro britânico e jovens vidas. 2. Eles lutaram para que os colonos pudessem sair das colônias no leste e invadissem território indígena que a Coroa Britânica de – George III – nomeou como Propriedade Indígena. Jefferson documentou bem que estava de olho no oeste. 3. No sul lutava-se para manter a escravidão. A maioria dos negros lutaram ao lado dos britânicos por um bom motivo. Eles ouviram sobre o caso de Sommersett versus Stewart no qual Lorde Masfield, chefe de justiça da Corte do Rei garantiu habeas corpus para James Sommersett que era um escravo na Virgínia e foi levado para a Inglaterra. O movimento anti-escravista estava ganhando força na Grã Bretanha. O filme diz o que os americanos querem ouvir. Se você não gosta da verdade, não faça filmes de história.”

31- “Está tudo na forma como você vê
6 de julho de 2006

Autor: shelby lang do Canadá

(...) Eu acredito que a maioria das pessoas perceberam que várias coisas no filme foram feitas mais para o divertimento do que para a educação. E se você for pensar, é um filme de ação e não um documentário histórico. Mas não é muito melhor quando você pode assistir um filme e pensar: uau! Isso aconteceu de verdade!?”

32- “O Patriota não é muito “Patriótico”
11 de fevereiro de 2010

Autor: wowbleck dos Estados Unidos

(...) Eu quero começar primeiro com os pontos positivos de O Patriota e então faremos os negativos. Vamos lá, não há nada de bom no filme. Eu nem consigo começar a falar o quão ruim foi o filme. Se eu fosse você, eu definitivamente não deixaria meus alunos ou qualquer outra pessoa assistir isso com exceção das pessoas que gostariam de zombar desse filme.

(...) Novamente, não é muito “preciso”, na verdade é provável que contradiz tudo que você nos contou sobre a Guerra da Revolução. Minha primeira pergunta é: por que eles inventariam personagens fictícios quando as figuras históricas estão bem ali? (...) Eu acho que foi uma produção de baixo orçamento, um filme infiel e de ação superficial que insulta os reais acontecimentos.

(...) Enfim, eu tenho certeza que você está bem cansado de mim te chateando sobre o quão horrível o filme foi (embora ele foi mesmo), mas eu falo sério. Eu achei ofensivo e de nenhuma ajuda, talvez a única razão de você ter permitido que a gente assistisse foi para te dizer o quanto é ruim e compararmos. Então é isso aí, saudação!

Outra nota: Este é um relatório para o meu professor de Estudos Sociais.”

33- “Minha “crítica” de filme
30 de dezembro de 2007

Autor: captin_bobbles dos Estados Unidos

Eu apenas vou dizer que isso não vai ser sobre se eu gostei ou não do filme, vai ser mais sobre a minha reação do que estava acontecendo quando eu assisti ao filme. Nós estávamos assistindo ao filme em minha aula (de história), pois estávamos estudando sobre a guerra revolucionária, e eu acho que a única maneira para que todos aprendam mais seja através da televisão e não através de um livro. (...)”

34- “Ótimo filme!
30 de março de 2012

Autor: ashleycee23 dos Estados Unidos

Eu acabei de assistir esse filme pela segunda vez. Eu sou uma grande fã desde a primeira vez que eu assisti no ensino médio, depois de assistir novamente eu fiquei curiosa para ver quais eram as notas online. (...)”